

PLANTAS DO SEMI-ÁRIDO

CONHECIMENTO E USOS NO
ASSENTAMENTO MARRECAS

Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento
Editora Técnica

Embrapa

PLANTAS DO SEMI-ÁRIDO

*Conhecimento e Usos no
Assentamento Marrecas*

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Meio-Norte
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

PLANTAS DO SEMI-ÁRIDO

Conhecimento e Usos no Assentamento Marrecas

*Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento
Editora Técnica*

*Embrapa Meio-Norte
Teresina, PI
2008*

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Meio-Norte

Av. Duque de Caxias, 5.650, Bairro Buenos Aires,

Caixa Postal: 01

CEP 64006-220 Teresina, PI.

Fone: (86) 3225-1141

Fax: (86) 3225-1142

Home page: www.cpamn.embrapa.br

E-mail: sac@cpamn.embrapa.br

Revisão técnica

José Almeida Pereira e

Marcos Emanuel da Costa Veloso

Supervisão editorial: *Lígia Maria Rolim Bandeira*

Revisão de texto: *Lígia Maria Rolim Bandeira*

Normalização bibliográfica: *Orlane da Silva Maia*

Editoração eletrônica: *Jorimá Marques Ferreira*

Foto da capa: *Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento*

1ª edição

1ª impressão (2007): 500 exemplares

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Meio-Norte

Plantas do Semi-Árido : conhecimento e usos no Assentamento
Marrecas / Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento (editora). - Teresina : Embrapa Meio-Norte, 2008.

180 p. : il.Color. ; 21 cm. ISBN 978-85-88388-12-3

1. Ecologia vegetal. 2. Recurso natural. 3. Comunidade rural. I. Nascimento, Maria do P. Socorro C. Bona do. II. Embrapa Meio-Norte.

CDD 638.14 (21. ed.)

Autores

Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento

Engenheira agrônoma, Ph.D. em Manejo de Pastagem,
Embrapa Meio-Norte, Av. Duque de Caxias, 5.650,
Bairro Buenos Aires, Caixa Postal 01,
CEP 640006-220 Teresina, PI.
sbona@cpamn.embrapa.br

Maria Elizabete de Oliveira

Zootecnista, D. Sc. em Ecologia, Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências Agrárias,
CCA, Campus da Socopo, Teresina, PI.
maeliz@uol.com.br

Luiz Fernando Wolff

Engenheiro agrônomo, M. Sc. em Apicultura e Polinização, Embrapa Clima
Temperado, Rodovia BR 392, km 78, 9º Distrito, Monte Bonito,
Caixa Postal 403.
CEP 96001-970 Pelotas, RS.
wolff@cpact.embrapa.br

Hoston Tomás Santos do Nascimento

Engenheiro agrônomo, Ph.D. em Nutrição Animal,
Embrapa Meio-Norte. Av. Duque de Caxias, 5.650,
Bairro Buenos Aires, Caixa Postal 01,
CEP 64006-220 Teresina, PI.
hoston@cpamn.embrapa.br

Kalil Siqueira da Luz

Engenheiro agrônomo, especialista em Desenvolvimento Rural, Associação
Estadual de Cooperação Agrícola – AESCAPI, Rua Riachuelo, 1.466
Bairro Vermelha
CEP 64018-060 Teresina, PI.
kalilsluz@yahoo.com.br

Dedicatória

Aos jovens do Assentamento Marrecas

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Agradecimentos

Aos agricultores e agricultoras do Assentamento Marrecas, que sempre nos receberam com alegria, sobretudo ao Juliano, Anísia e família, que várias vezes nos acolheram em sua casa; ao Arlindo, por nos ter proporcionado o primeiro contato com a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento Marrecas, da qual era presidente, na época do início dos trabalhos.

Em especial, aos jovens, Paduda, Cristina, Luciana, Teresinha, Lourdinha, Gabriela, Tico, Eliana, Marilene, Edvânia, Jonas e Antônio José, nossos companheiros e companheiras nas atividades de campo, à Dona Helena, do Núcleo Alto Belo, e à Dona Antônia, da Sede, que nos repassaram muito dos seus conhecimentos sobre as plantas.

À amiga Ruth Raquel Soares de Farias, pela identificação botânica de algumas coletas e por nos permitir o uso de uma foto de sua autoria.

Ao engenheiro agrônomo Estevam da Silva Neto pela participação, como bolsista, nas atividades de coleta de material botânico, aplicação de questionário e organização de eventos.

Apresentação

A vegetação do bioma Caatinga é ricamente diversificada e ocupa toda a região Semi-Árida brasileira. Nesse ambiente são reconhecidos pelo menos 12 diferentes tipos de Caatingas, o que pode explicar, parcialmente, a grande diversidade de espécies vegetais. Na região, estima-se a existência de quase três mil espécies, das quais cerca de mil espécies já foram identificadas e registradas.

Apesar da riqueza e da importância biológica desse bioma, a Caatinga apresenta um potencial econômico ainda pouco valorizado. A alta biodiversidade torna a região bastante rica em recursos genéticos de valores ainda imensuráveis pela sociedade, cujo aspecto agressivo das plantas contrasta com o colorido diversificado das flores que emergem no curto período chuvoso. Essa condição e a presença de plantas de alto valor forrageiro e medicinal fazem da flora da Caatinga brasileira um ambiente, que se explorado de forma adequada, de grande importância para o desenvolvimento regional.

O Assentamento Marrecas, criado ainda no início da década de 1990, está localizado no Município de São João do Piauí, coração do Semi-Árido piauiense, cuja vegetação é totalmente Caatinga situada sobre solos arenosos de origem sedimentar. Como nas mais variadas comunidades no Nordeste brasileiro, as famílias desse assentamento têm no extrativismo, na pequena agricultura, e na criação de pequenos animais, como caprinos ovinos, suínos e galinhas, a sua principal fonte de renda. Nesse particular, a

vegetação nativa local tem um valor econômico, social e cultural muito grande, cujo conhecimento popular tem ajudado muito às descobertas científicas.

Esta publicação faz parte das metas de um projeto desenvolvido pela Embrapa Meio-Norte com o apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário e em parceria com a Universidade Federal do Piauí e o Assentamento Marrecas. Tem o mérito de ter sido elaborada a partir da história e da cultura local, que foram ampliadas pelos conhecimentos técnicos da equipe e da literatura disponível.

A Embrapa Meio-Norte e os parceiros estão, dessa forma, dando mais um passo para aumentar o conhecimento sobre as plantas do ambiente da Caatinga local, visando à sustentabilidade dos recursos naturais e a melhor qualidade de vida das populações rurais.

Valdemício Ferreira de Sousa
Chefe-Geral da Embrapa Meio-Norte

Prefácio

A agricultura familiar vem ocupando espaço importante no meio acadêmico, com diversos pesquisadores preocupados na compreensão dos aspectos globais que compõem o cotidiano da pequena propriedade rural.

Informações recentes do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e do Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) revelam que aproximadamente 85% do total de propriedades rurais brasileiras pertencem a grupos familiares. Trata-se de uma atividade agrícola que funciona como única alternativa de vida para quase 14 milhões de pessoas, contemplando quatro milhões de estabelecimentos.

O livro *Plantas do Semi-Árido: conhecimento e usos no Assentamento Marrecas* constitui-se numa importante publicação fundamentada na vivência dos autores, a partir de trabalho de campo, contando com a efetiva participação dos assentados e assentadas. Envolve aspectos socioeconômicos, culturais e costumes da comunidade organizada no Assentamento Marrecas, no Município de São João do Piauí, documentados pelos autores de forma simples e objetiva.

Conhecedor da competência dos autores, especialmente, dos pesquisadores da Embrapa Meio-Norte, Dra. Maria do P. Socorro Cortez Bona do Nascimento e Dr. Hoston Tomás Santos do Nascimento e a professora, Dra. Maria Elizabete de Oliveira, do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Piauí, com os quais mantenho amizade pessoal e tenho acompanhado, em parte, suas trajetórias profissionais, tornou-se tarefa fácil e ao mesmo tempo honrosa prefaciar esta obra.

O livro encontra-se estruturado em três capítulos, apresentando vasta documentação fotográfica. Os aspectos socioeconômicos, climáticos, a vegetação, os recursos hídricos, a organização social, atividades religiosas e culturais e os aspectos produtivos do assentamento, são tratados no capítulo 1.

O capítulo 2 retrata de forma descritiva e fotográfica, com participação da comunidade e com o suporte da literatura pertinente, o levantamento das 33 plantas locais, consideradas mais importantes pela comunidade, caracterizando um importante acervo para identificação das plantas a campo.

No capítulo 3, os autores registram informações sobre os vários usos de 144 plantas, incluindo-se algumas não-nativas, porém de uso comum nas hortas de plantas medicinais, fundamentando-se no conhecimento popular dos assentados.

Desta forma, o livro *Marrecas* pelo seu importante conteúdo torna-se uma obra de leitura recomendável tanto para os técnicos e profissionais de diferentes vertentes científicas como para o grande público, que estão preocupados com a manutenção da biodiversidade, com o uso sustentável dos recursos naturais e com a preservação da cultura das comunidades rurais.

João Batista Lopes

Professor Associado do Departamento de Zootecnia
Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Piauí

Capítulo 1

Aspectos Socioeconômicos do Assentamento

Marrecas	19
Histórico de ocupação e organização dos agricultores .	21
Informações gerais do assentamento	21
Localização	21
Clima e vegetação	22
Recursos hídricos	23
Agrovila	23
População e organização social	25
Educação	26
Atividades religiosas e culturais	27
Atividades produtivas	27
Agricultura	27
Produção animal	29
Comentários finais	30
Referências	31

Capítulo 2

Descrição e usos de plantas nativas no Assentamento

Marrecas	33
Introdução	34
Algaroba	42
Ameixa	46
Angico	48
Angico-de-bezerro	52
Aroeira	56
Birro	60
Cabeça-branca	63
Camaratuba	66
Canafístula	68
Caneleiro	72
Cangalheiro	76
Carnaubeira	78
Catingueira	82
Ervanço	86
Favela	88
Inharé	90
Jatobá	92
Jitirana	96
Juazeiro	100

Jucá	104
Jurema-preta	108
Malva	112
Mandacaru	114
Marmeleiro	116
Mata-pasto	120
Mufumbo	124
Pau-d'arco-roxo	128
Quebra-panela	132
Umburana-de-cambão	134
Umburana-de-cheiro.....	138
Umbuzeiro	142
Velame	146
Violete	148
Referências	151
Glossário.....	153

Capítulo 3

Conhecimento popular no uso das plantas	159
Introdução.....	160
Estudo realizado	161
Dados coletados	163
Comentários finais	177
Referências	179



Capítulo 1

Aspectos Socioeconômicos do Assentamento Marrecas

*Maria Elizabete de Oliveira
Kalil Siqueira da Luz*

Histórico de ocupação e organização dos agricultores

O Assentamento Marrecas é fruto do trabalho de organização do Movimento Sem Terra - MST no Piauí, com a participação de 150 famílias rurais, sem terra, dos municípios de Simões, Padre Marcos, Oeiras, Pio IX, Dom Expedito Lopes e Paulistana, que ocuparam, no dia 10 de junho de 1989, a fazenda Marrecas, localizada no Município de São João do Piauí. No dia 30 de junho de 1994, através da portaria nº 426, emitida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, foi legalizada a posse da sua área.

Informações gerais do assentamento

Localização

O Assentamento Marrecas está localizado no Município de São João do Piauí, no Estado do Piauí, a 31 km da sede do município. As coordenadas geográficas são: latitude 8° 11' 43'' S e longitude, 42 ° 27' 45 '' W (Figura 1). A área do assentamento é de 10.041 ha. O município localiza-se na mesorregião sudeste, no território da Serra da Capivara (Figura 1).



Figura 1. Localização do Município de São João do Piauí.

Clima e vegetação

O Município de São João do Piauí localiza-se no sul do Estado do Piauí, na região Semi-Árida, em uma área de caatinga cujos solos são de origem sedimentar e altamente arenosos (EMPERAIRE, 1983).

Na região, a precipitação pluvial média anual é menor que 900 mm, distribuída entre novembro e abril, com maior concentração em quatro meses (LIMA, 1982). A vegetação de caatinga na região tem porte arbóreo e arbustivo-arbóreo, com densidades variadas.

Recursos hídricos

No interior do assentamento, o Rio Piauí corre em um trecho de 6 km. Esse rio atualmente é perene em face da construção de uma barragem no Município de São João do Piauí, a Barragem do Jenipapo. Também existe um poço jorrante com uma vazão de 180.000 l/hora, utilizado para irrigação de 25 ha, abastecimento de uma lavanderia comunitária e de sete chafarizes, para fornecimento de água para os animais. Existem ainda três poços que são usados para o abastecimento de água canalizada para as residências do núcleo sede, agrovilas Capim Grosso e Alto Belo. Existem outros poços de uso individual e coletivo que servem para o consumo humano, animal e para a produção agrícola.

Agrovia

Atualmente são cadastradas 277 famílias, distribuídas em agrovilas que se agrupam em três núcleos: Agrovia I (Núcleo Marrecas Sede), Agrovia II (Núcleo Alto Belo) e Agrovia III (Núcleo Capim Grosso). As agrovilas são formadas por casas que se distribuem ao longo de ruas e onde estão situadas escolas, igrejas e clubes (Figuras 2 a 4).

Foto: Maria do P. S. C. Bona do Nascimento



Figura 2. Vista panorâmica do Núcleo Sede do Marrecas.

Foto: Maria do P. S. C. Bona do Nascimento



Figura 3. Modernas instalações da Unidade Escolar Paulo Freire.

Foto: Maria do P. S. C. Bona do Nascimento



Figura 4. Igreja de Nossa Senhora da Vitória, padroeira do assentamento.

População e organização social

Os três núcleos do assentamento possuem entidades organizativas, que têm como objetivo a realização de atividades produtivas, religiosas e lazer, dentre outras. O Núcleo Sede possui como entidade organizativa a Associação dos Pequenos Produtores do Assentamento Marrecas - APPAM, fundada em 1992; no Núcleo Alto Belo, os agricultores e agricultoras são congregados à Associação de Pequenos Produtores do Alto Belo - APPA; e o Núcleo Capim Grosso é representado pela Associação dos Pequenos Produtores do Capim Grosso - APPC, fundada em 1994.

A organização social no assentamento está constituída da seguinte forma: a coordenação geral é formada pelos coordenadores dos núcleos de famílias. Cada núcleo de famílias ou grupo de famílias representa um agrupamento formado por 10 a 15 famílias, reunidas por critério de proximidade das residências na agrovila ou por afinidade. O assentamento possui 13 núcleos de famílias. De cada núcleo são escolhidos dois representantes (de preferência uma mulher e um homem), para compor a coordenação geral do assentamento.

Existem ainda os Setores, que possuem suas especificidades e são responsáveis pela organização operacional e política das questões mais orgânicas para a estruturação da comunidade. Os Setores trabalham sob a direção da Coordenação Geral, nas áreas de educação, saúde e produção. A composição dos setores se dá com a união dos representantes de cada núcleo de famílias, que formam o coletivo do setor no assentamento. A instância máxima de deliberação é a Assembléia Geral. As deliberações da assembléia são executadas pela diretoria da Associação, que é formada pelo secretário geral, secretário adjunto, secretário executivo, dois suplentes, o conselho fiscal e o colegiado.

Vários assentados também participam de instâncias do MST, com atividades no âmbito municipal, estadual e regional.

De acordo com Araújo Neto et al. (2001), dentre os membros das famílias residentes 57,3 % são homens e 42,7 % são mulheres, e a população até 14 anos perfaz 40,9 % e apenas 0,9 % tem mais de 65 anos. O tamanho médio das famílias é de 5,1 membros.

Educação

Existem duas escolas no assentamento: uma municipal, Unidade Escolar Amadeus Carvalho, onde funcionam as séries do primeiro grau e uma escola de segundo grau, de responsabilidade do assentamento, a Unidade Escolar Paulo Freire. No ensino fundamental, estão matriculadas 268 (duzentos e sessenta e oito) crianças e no ensino médio 96 (noventa e seis) jovens. Esses estudantes são do assentamento e de comunidades próximas. Nessas duas unidades de ensino trabalham onze professores, dos quais quatro residem no assentamento.

No Assentamento Marrecas existem, atualmente, 26 (vinte e seis) jovens que freqüentam curso fundamental, médio e superior no Município de São João do Piauí e em outras cidades e estados. Os cursos são: Técnico em Saúde, Artes em Educação, Saberes da Terra, Técnico em Agropecuária, Pedagogia da Terra e Gestão de Cooperativas.

Atividades religiosas e culturais

Existem duas igrejas, uma de orientação católica e outra evangélica com atividades semanais.

Dentre as atividades culturais, várias são desenvolvidas em parceria entre as escolas e o assentamento, tais como: Semana Cultural da Escola, com música, teatro e esporte. Os projetos desenvolvidos pelos estudantes nas escolas são mensalmente socializados com a comunidade. Por exemplo, o último trabalho apresentado foi “A terra pede Socorro”. Também é um grande evento local a celebração de formaturas do ensino médio e segundo grau.

Outras atividades realizadas são: comemoração do aniversário do assentamento no dia 10 de junho, festa da padroeira (Figura 5), festas natalinas e juninas.

Atividades produtivas

Agricultura

No assentamento predomina o cultivo de milho, feijão, melancia e mandioca, sendo os produtos utilizados prioritariamente para alimentação das famílias. Na sua maioria, as áreas cultivadas são pequenas, correspondendo a roçados e campo agrícola, onde o trabalho é basicamente familiar, mas há momentos de trabalhos coletivos.

Além da agricultura de sequeiro, o assentamento dispõe de uma área irrigada de 58 ha, onde são cultivados melancia, uva, goiaba, banana, feijão, milho e macaxeira. Atualmente, 31 famílias estão envolvidas nesses projetos (Figuras 6 e 7).

Foto: Maria do P. S. C. Bona do Nascimento



Figura 5. O festejo da padroeira: grande evento religioso, social e cultural.

Foto: Maria do P. S. C. Bona do Nascimento



Figura 6. Agricultura irrigada: produção de feijão e milho.

Foto: CODEVASF



Figura 7. A agricultura irrigada: produção de uva.

Produção Animal

A criação animal é bastante diversificada no assentamento. São registrados aves (galinhas caipiras e capotes), ovinos, bovinos, caprinos, suínos, eqüinos e muares. A principal fonte de alimentação para os animais é a vegetação nativa, mas existem pequenas áreas plantadas com capim-buffel, capim-elefante e capim-braquiária, utilizadas principalmente no período seco.

Pesquisa realizada com 60 % das famílias do assentamento pela Associação Estadual... (2006) mostra aspectos da produção animal no assentamento Marrecas (Tabela 1). Ficou constatado que a maioria dos criadores tem aves (74 criadores), seguindo-se ovinos (58 criadores), bovinos (42 criadores) e caprinos (37 criadores), com um total de 272 criadores e 5.641 animais.

Tabela 1. Perfil da produção animal no Assentamento Marrecas.

Espécie	Número de criadores	Número de animais/criador	Total de animais
Aves	74	27	2.017
Ovinos	58	26	1.527
Caprinos	37	36	1.317
Bovinos	42	11	462
Suínos	25	7	178
Eqüinos	21	4	77
Muares	15	4	63
Total	272	115	5.641

Fonte: Associação Estadual... (2006), adaptada pelos autores.

Comentários finais

O Assentamento Marrecas representa atualmente a concretização de um sonho de agricultores e agricultoras que ocuparam esta área em 10 de junho de 1989. A posse desta área garantiu a esses homens e mulheres anteriormente "sem terra" condição de produzirem alimentos, renda monetária, educação para seus filhos, e uma vida capaz de traçar seus caminhos. Observa-se que hoje está garantida a alimentação para todas as famílias dos assentados e assentadas, pela produção de grãos, tubérculos, e animais (aves, suínos, caprinos, ovinos e bovinos).

Avançaram para além deste ponto, definindo culturas, visando a obtenção de renda monetária. Com o uso de recursos como a água que é abundante no assentamento, optaram pelo cultivo de espécies frutíferas, tais como; uva, goiaba, melancia, que são produzidas com uso de irrigação, durante todo o ano.

Outro aspecto que mostra a realização do sonho daqueles agricultores e agricultoras são os caminhos que os jovens, seus filhos, podem optar em percorrer. No assentamento, eles têm acesso a escolas até o segundo grau e a oportunidade de participar em cursos, médio e superior, em outros municípios do estado e em outros estados. Esses jovens preparam-se para permanecer no assentamento, continuando o sonho de seus pais com um diferencial nas ações, freqüentam cursos de técnicos em agropecuária e pedagogia, o que garante mudanças pela incorporação de conhecimentos técnicos e científicos ao saber popular. A permanência desses jovens está favorecida pela disponibilidade de casas, construídas para eles.

Ainda existem muitos passos a serem dados no caminho da construção da agricultura familiar dentro do assentamento, contudo pode-se afirmar que o Assentamento Marrecas contribuiu de forma inequívoca para mostrar que a posse da terra para aquelas pessoas que ocuparam esta área permitiu uma mudança na qualidade de vida deles e de seus filhos.

Referências

ARAÚJO NETO, P. R. de; TEIXEIRA, J. S.; CARVALHO, C. I. de; SILVA, F. J. da. **Plano de Desenvolvimento do Assentamento Marrecas**: relatório. São João do Piauí: APPAM: APPA: APPC, 2001. 50 p. Digitado.

ASSOCIAÇÃO ESTADUAL DE COOPERAÇÃO AGRÍCOLA DO PIAUÍ - AESCAPI. **Projeto de Exploração Anual - PEA. Núcleo Operacional de São João do Piauí. Assentamento Marrecas**. São João do Piauí, 2006. 25 p. (AESCAPI/INCRA/Convênio nº 33000/2004). Digitado.

EMPERAIRE, L. **Relatório de área de vegetação [do] Projeto de Delimitação e Regionalização do Brasil Semi-Árido**. Teresina: UFPI: CNPQ: SUDENE, 1983. 15 p.

LIMA, M. G. de. **Critérios climatológicos para delimitação do semi-árido no estado do Piauí**. Teresina: Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Piauí, 1982. 22 p.



Capítulo 2

Descrição e Usos de Plantas Nativas no Assentamento Marrecas

*Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento
Maria Elizabete de Oliveira
Houston Tomás Santos do Nascimento*

Introdução

Como parte das atividades do projeto “Recuperação de áreas em pousio, com e sem animais” realizadas no Assentamento Marrecas, em São João do Piauí, PI, foi indagado a vários dos seus agricultores e agricultoras quais plantas eram importantes no assentamento e quais seus usos.

As 33 espécies de plantas mais citadas estão aqui apresentadas, com fotos e com informações obtidas dos assentados e da literatura. Essa publicação, portanto, foi elaborada visando documentar e divulgar o saber local e facilitar o reconhecimento a campo dessas plantas de reconhecida importância. Assim, o seu uso didático, como instrumento nas aulas práticas, foi também intenção dos autores. O conhecimento relativo às plantas, acumulado pelas gerações, é um importante patrimônio cultural, necessitando, do ponto de vista prático, ser complementado pelo reconhecimento das plantas a campo.

A nomenclatura botânica usada (Tabela 1) está conforme Barbosa et al. (2006). As análises de proteína bruta, cálcio e fósforo foram realizadas no Laboratório de Nutrição Animal da Embrapa Meio-Norte, em Teresina, PI, conforme metodologia de Silva e Queiroz (2002). As plantas ou parte de plantas analisadas foram coletados no assentamento ou na Fazenda Octávio Domingues, localizada, no município de São João do Piauí, de propriedade da Embrapa Meio-Norte. É importante salientar que dependendo, principalmente, da idade das plantas e do solo do local da coleta, o valor nutritivo das plantas pode variar. Portanto, os percentuais citados de proteína bruta, cálcio e fósforo dão uma idéia do valor nutritivo da espécie de planta, mas, poderão, claro, apresentar variações, dependendo da situação.

Os autores esclarecem que não se responsabilizam pelas indicações de uso medicinal das plantas, não havendo a intenção de qualquer recomendação, mas somente de ressaltar o valor e a diversidade de usos das plantas descritas, principalmente, a partir do conhecimento local.

Espera-se que as informações aqui fornecidas sejam úteis não somente aos parceiros assentados do Marrecas mas a outros assentamentos e comunidades do Semi-Árido do Piauí, e que sejam usadas nas escolas, contribuindo para o melhor uso da vegetação nativa e para a manutenção da biodiversidade local, pois o conhecimento é o primeiro passo para a valorização e uso sustentável dos recursos naturais.

Tabela 1. Nomes populares, nomes botânicos e famílias das plantas

Nome popular	Nome botânico	Família
Algaroba	<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC.	Leguminosae subfam. Mimosoideae
Amburana	<i>Amburana cearensis</i> (Fr. Allemão) A. C. Sm.	Leguminosae subfam. Papilionoideae
Amburana	<i>Commiphora</i> <i>leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillett	Burseraceae
Amburna -de- cambão	<i>Commiphora</i> <i>leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillett	Burseraceae
Amburna -de- espinho	<i>Commiphora</i> <i>leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillett	Burseraceae
Ameixa	<i>Ximenia americana</i> L.	Olcaceae
Angico	<i>Anadenanthera</i> <i>colubrina</i> (Vell.) Brenan	Leguminosae subfam. Mimosoideae
Angico-de-bezerro	<i>Piptadenia</i> <i>moniliformis</i> Benth.	Leguminosae subfam. Mimosoideae

Continua...

Tabela 1. Continuação.

Nome popular	Nome botânico	Família
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Anacardiaceae
Birro	<i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul.	Legumimosae subfam. Caesalpinioideae
Cabeça-branca	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey	Rubiaceae
Cabeça-branca	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae
Camaratuba	<i>Cratylia mollis</i> Mart. ex Benth.	Leguminosae subfam. Papilionoideae
Canafístula	<i>Senna spectabilis</i> (DC.) H. S. Irwin & Barneby	Legumimosae subfam. Caesalpinioideae
Canela-de-velho	<i>Cenostigma gardenerianum</i> Tul.	Legumimosae subfam. Caesalpinioideae
Caneleiro	<i>Cenostigma gardenerianum</i> Tul.	Legumimosae subfam. Caesalpinioideae
Cangalheiro	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	Leguminosae subfam. Papilionoideae
Carnaubeira	<i>Copernicia prunifera</i> (Miller) H.E. Moore	Arecaceae

Continua...

Tabela 1. Continuação.

Nome popular	Nome botânico	Família
Catanduva	<i>Piptadenia moniliformis</i> Benth.	Leguminosae subfam. Mimosoideae
Catinga-de-porco	<i>Caesalpinia bracteosa</i> Tul.	Leguminosae subfam. Caesalpinioideae
Catingueira	<i>Caesalpinia bracteosa</i> Tul.	Leguminosae subfam. Caesalpinioideae
Catingueira	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Leguminosae subfam. Caesalpinioideae
Cerejeira	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.	Leguminosae subfam. Papilionoideae
Cerejeira-rajada	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.	Leguminosae subfam. Papilionoideae
Conduru	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Moraceae
Coração-de-negro	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	Leguminosae subfam. Papilionoideae
Cumarú	<i>Amburana</i> (Allemão) A. C. Sm.	Leguminosae subfam. Papilionoideae

Continua...

Tabela 1. Continuação.

Nome popular	Nome botânico	Família
Cumaru-da-caatinga	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.	Leguminosae subfam. Papilionoideae
Cumaru-de-cheiro	<i>Amburana</i> (Allemão) A. C. Sm.	Leguminosae subfam. Papilionoideae
Ervanço	<i>Froalichia humboldtiana</i> (Roem.& Schult.) Seub.	Amaranthaceae
Favela	<i>Cnidoscolus phyllacanthus</i> (Müll.Arg.) Pax & K. Hoffm.	Euphorbiaceae
Faveleiro	<i>Cnidoscolus phyllacanthus</i> (Müll.Arg.) Pax & K. Hoffm.	Euphorbiaceae
Imburana	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.	Leguminosae subfam. Papilionoideae
Imburana	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillett	Bursereceae
Imburana-de-cambão	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillett	Burseraceae
Imburana-de-chairo	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.	Leguminosae subfam. Papilionoideae

Continua..

Tabela 1. Continuação.

Nome popular	Nome botânico	Família
Imburna-de-espinho	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillett	Burseraceae
Imbuzeiro	<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Anacardiaceae
Inharé	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Moraceae
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Leguminosae subfam. Caesalpinioideae
Jitirana	<i>Centrosema brasilianum</i> (L.) Benth.	Leguminosae subfam. Papilionoideae
Jitirana	<i>Ipomoea bahiensis</i> Willd. ex Roem. & Schult.	Convolvulaceae
Jitirana	<i>Merremia aegyptia</i> (L.) Urb.	Convolvulaceae
Joá	<i>Ziziphus cotinifolia</i> Reissek	Rhamnaceae
Joazeiro	<i>Ziziphus cotinifolia</i> Reissek	Rhamnaceae
Juá	<i>Ziziphus cotinifolia</i> Reissek	Rhamnaceae
Juazeiro	<i>Ziziphus cotinifolia</i> Reissek	Rhamnaceae
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. ex Tul.	Leguminosae subfam. Caesalpinioideae
Jurema-preta	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Leguminosae subfam. Mimosoideae

Continua...

Tabela 1. Continuação.

Nome popular	Nome botânico	Família
Malva	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malvaceae
Malva-branca	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malvaceae
Malva-cabeça-de-vaca	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malvaceae
Malva-veludo	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malvaceae
Mandacaru	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cactaceae
Marmeleiro	<i>Croton sonderianus</i> Müll. Arg.	Euphorbiaceae
Mata-pasto	<i>Senna obtusifolia</i> (L.) H. S. Irwin & Barneby	Legumimosae subfam. Caesalpinioideae
Mofumbo	<i>Combretum leprosum</i> (Mart. ex DC.	Combretaceae
Mufumbo	<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Combretaceae
Pau-d'arco-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Bignoniaceae
Pau-de-rato	<i>Caesalpinia bracteosa</i> Tul.	Legumimosae subfam. Caesalpinioideae
Pau-ferro	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. ex Tul.	Legumimosae subfam. Caesalpinioideae
Quebra-panela	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae

Continua...

Tabela 1. Continuação.

Nome popular	Nome botânico	Família
Quebra-tigela	<i>Alternanthera brasiliiana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae
Umburama -de- cambão	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J. B. Gillett	Burseraceae
Umburana -de- cheiro	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm .	Leguminosae subfam. Papilionoideae
Umbuzeiro	<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Anacardiaceae
Vassourinha -de- botão	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey	Rubiaceae
Velame	<i>Croton campestris</i> A. St. - Hil.	Euphorbiaceae
Violete	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	Leguminosae subfam. Papilionoideae

Algaroba

Prosopis juliflora (Sw.) DC.

A algaroba, apesar de não ser nativa da região, há vários anos vem se expandindo no município, onde ocupa importante área e é considerada naturalizada. Por essa razão e por ter sido citada várias vezes como espécie importante, está aqui incluída.

Árvore de até 10 m de altura, com copa aberta, preferindo solos férteis, profundos e bem drenados. Suas folhas são bipinadas com um ou dois pares de pina, cada pina com 8 a 10 cm de comprimento e 1 cm de largura. Os folíolos variam de 13 a 25 pares por pina, cada um com cerca de 7 mm de comprimento e 1,5 a 1,7 mm de largura. As flores são miúdas e de cor amarelo-clara, reunidas em uma inflorescência do tipo espiga com cerca de 8 cm de comprimento e 1 cm de diâmetro. Os frutos são vagens retas ou um pouco curvas, com 15 a 18 cm de comprimento, cerca de 1,3 cm de largura, com 18 a 25 sementes (Figuras 1 a 4).

Seja nas suas regiões de origem ou naquelas onde foi introduzida, a algaroba, dado o seu grande poder de invasão, é muitas vezes considerada uma planta indesejável. No entanto, é inegável o seu valor em fornecer forragem em época de escassez, madeira para vários fins, benefícios ao solo e sombra.

A sua madeira é dura e pesada, usada para tacos (pisos), caibros, ripas, moirões, lenha e carvão. Suas flores são apícolas de grande valor, principalmente por ocorrerem em uma época de escassez de florada. As folhas têm reduzido uso na alimentação animal, mas suas vagens têm importante papel, principalmente, pela sua riqueza em carboidratos, cujo porcentual é de quase 80 %, sendo, portanto, fonte de energia para os animais. As vagens constituem também uma boa fonte de cálcio, tendo 0,31% desse mineral, sendo, porém, pobres em fósforo (0,11 %), enquanto o teor de proteína satisfaz as necessidades mínimas dos animais (7 %).

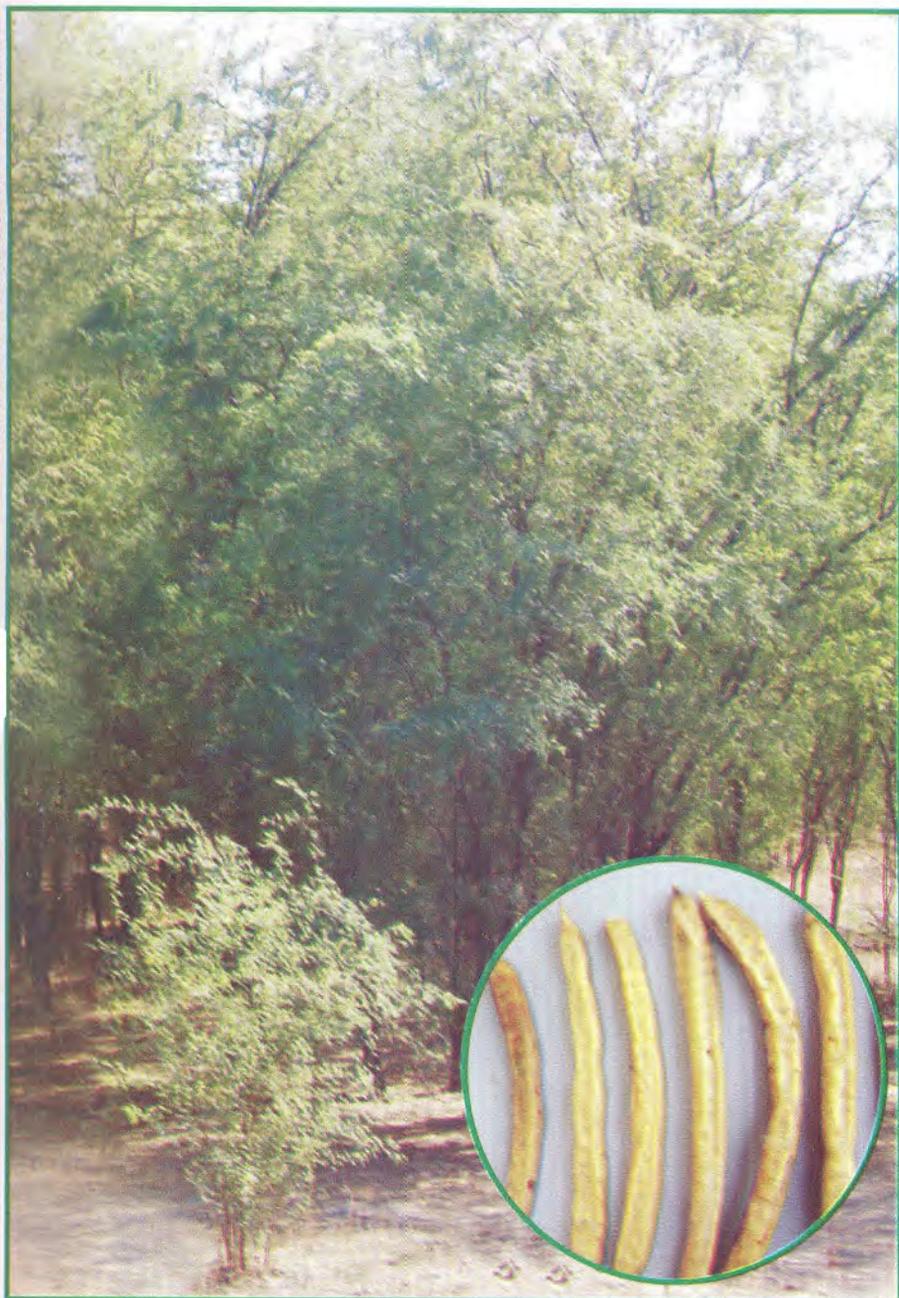


Figura 1. Árvores de algaroba com frutos no detalhe.

Usos citados pela comunidade

O uso mais citado foi o forrageiro, seguido de perto pelo madeireiro. Com poucas citações foi lembrada a produção de lenha e de carvão. A forragem das folhas e das vagens foi considerada ótima, enquanto a madeira foi relacionada como “essencial”.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 2. Planta de algaroba.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 3. Ramos de algaroba com frutos.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 4. Algaroba - flores e folhas.

Ameixa

Ximenia americana L.

Arbusto com 3 a 4 m de altura, apresentando casca lisa e espinhos com 1 a 3 cm de comprimento. As folhas são simples, sem pêlos, alternas, com o limbo medindo 3 a 4 cm de comprimento e 2 a 2,5 cm de largura. As flores têm cerca de 1 cm, são de cor branca ou amarelada, com muitos pêlos na parte interna da pétala e com perfume de flor de laranjeira. Os frutos são arredondados ou ovóides, com 2 a 3 cm no maior diâmetro (Figura 5).

Mantém as folhas verdes durante parte da estação seca, destacando-se das demais plantas que estão secas. O fruto serve de alimento para as pessoas, cozidos ou crus, e para os animais silvestres.

Sua casca é medicinal, sendo usada em banhos, como remédio para excesso de menstruação; em cozimento, na lavagem de feridas e, ainda, na forma de pó, na cicatrização de úlceras. É também uma planta apícola, fornecedora de pólen e néctar. A madeira é leve, muito usada como cabo de ferramentas agrícolas.

Usos citados pela comunidade

O uso como remédio para as inflamações e cicatrização de ferimentos foi lembrado por todos que citaram a planta. Com menor importância, foi citado o seu emprego na dor de dente.



Figura 5. Planta de ameixa e detalhes dos frutos e das flores.

Angico

Anadenanthera colubrina (Vell.) Brenan

Árvore de até 30 m de altura, dependendo da fertilidade do solo. Tem a casca preta e pequenos 'caroços' (acúleos) nos troncos e galhos. As inflorescências são arredondadas, com 3 a 4 cm, várias delas reunidas nas partes finais dos ramos. As flores são miúdas, de cor branca a creme. As vagens têm cerca de 20 cm de comprimento, apresentando um pequeno estreitamento entre as sementes (Figuras 6 a 9) .

Durante parte do período seco, as plantas permanecem sem folhas. Quando ferida, a planta produz, no local da lesão, uma resina amarelada, que é comestível e também usada como remédio para tosse. Sua madeira é pesada, de cor avermelhada clara, com grande durabilidade e excelente qualidade, servindo para diversos fins, como móveis, ripas, caibros, moirões, etc. Produz carvão e lenha de boa qualidade. A sua casca, que é rica em tanino, já foi muito usada para o curtimento de couro, atividade que, dada a intensidade de uso, prejudicava as plantas. Atualmente essa prática é pouco usada.

Suas folhas fenadas ou secas são boa forragem, mas quando murcham na planta apresentam alto teor de ácido cianídrico, sendo, portanto, muito tóxicas aos animais (ver informações da comunidade). A análise do material forrageiro coletado na planta verde indicou alto teor de cálcio (0,42 %), de fósforo (0,33 %) e de proteína bruta (22,22 %). É também usada na arborização de ruas e praças, em reflorestamento e recuperação de áreas degradadas, por apresentar crescimento rápido. Sua casca é muito usada na medicina caseira, indicada para tosse, bronquite, doenças sexuais, contusões e reumatismo. É também apícola, fornecendo pólen e néctar.



Figura 6. Árvore de angico no período seco, em produção de sementes.

Usos citados pela comunidade

Apesar de a planta ter sido citada como de ocorrência rara, só existindo em locais distantes da sede do assentamento, vários usos foram citados, destacando-se o madeireiro (estaca para cerca, lenha e carvão) e medicinal, para casos de inflamação, gripe, dores, asma e tosse. Também foram citados os usos apícola e forrageiro e seu emprego como veneno para lagartas, usando-se as folhas verdes machucadas e misturadas com sabão. Dois usos menos citados foram: alimentação humana (sua resina) e curtimento de couro.

Foi informado que os ramos, se cortados com machado ou faca, são altamente tóxicos aos animais, no caso de consumo imediato. Porém, se após o corte chegam a murchar antes de serem consumidos ou se caem naturalmente, nenhum problema ocorre.



Figura 7. Frutos (vagens) de angico, ao início do período seco.



Figura 8. Aspecto do tronco de angico.



Figura 9. Inflorescências de angico.

Angico-de-bezerro

Piptadenia moniliformis Benth.

Catanduva é o nome mais comumente empregado no Nordeste, enquanto no Piauí predominam rama-de-bezerro e angico-de-bezerro. Este último nome tem relação com o menor porte da planta em comparação a outros angicos, permitindo que bezerros alcancem e comam seus ramos.

Árvore de altura baixa, ou seja, tem em média 3 a 8 m de altura, com copa arredondada. A inflorescência é do tipo espiga, com 5 a 9 cm de comprimento. As flores novas têm cor variando de branca a esverdeada, porém mais tarde passam a amarelas e depois a marrom-claras. A vagem, que tem de 10 a 13 cm de comprimento, tem um formato que facilmente identifica a planta (apresenta forte estreitamento entre as sementes). Estas são de cor esbranquiçada, com formato achatado e circulares. As folhas são bipinadas, comumente apresentando 3 a 4 pares de pinas com 6 a 12 pares de folíolos. O tamanho das folhas é variável, com o limbo entre 17 e 7 cm de comprimento e largura de 12 a 6 cm. O comprimento das pinas varia de 0,9 a 2 cm e a largura, de 0,4 a 1 cm (Figuras 10 a 13).

Tem ocorrência comum na caatinga, mas também cresce nas chapadas e matas.

As plantas são resistentes ao fogo e ao corte, apresentando brotação vigorosa depois de queimadas e também após o roço.

É uma planta forrageira que tem importante papel na alimentação dos animais. A análise de seus ramos indicou 19,14 % de proteína bruta, 0,16 % de fósforo e 0,10 % de cálcio. Sua madeira não é muito resistente, sendo, portanto, usada em situações que não exijam durabilidade nem necessitam grande resistência. É também usada para a produção de lenha e carvão. Além disso, é uma ótima planta apícola, pois suas flores produzem muito néctar.

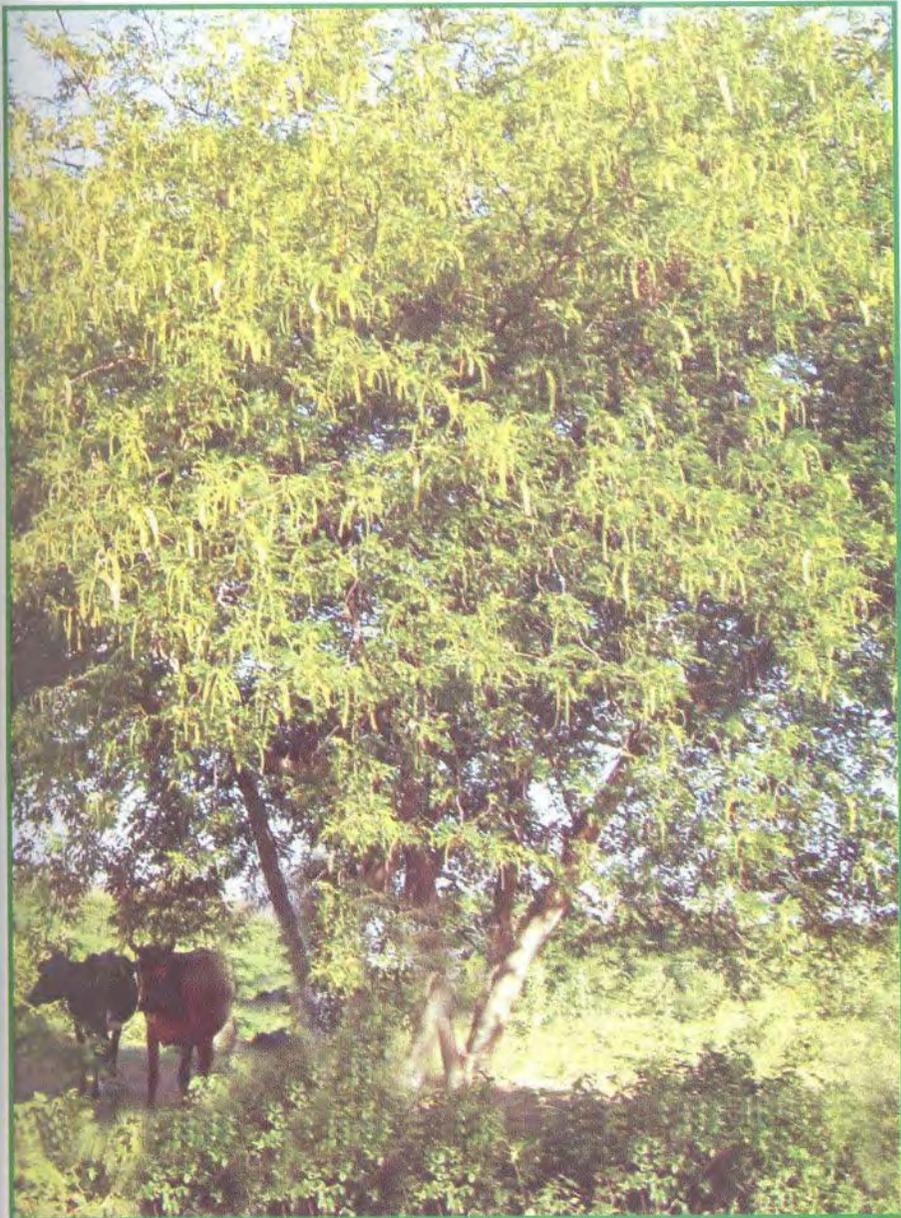


Figura 10. Planta de angico-de-bezerro no período das chuvas.

Usos citados pela comunidade

O uso na alimentação animal foi o mais citado, sendo forrageiras as vagens e as folhas, principalmente as folhas novas. Também foram citados a produção de carvão e de lenha e o emprego como madeira, principalmente na construção de cercas. O uso medicinal está associado ao mau funcionamento dos intestinos (diarréia, barriga inchada e má-digestão). O valor como planta apícola foi lembrado por poucas pessoas, talvez devido ao fato de a apicultura não ter grande importância econômica no assentamento.



Figura 11. Ramos de angico-de-bezerro em produção de frutos.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 12. Inflorescências de angico-de-bezerro.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 13. Frutos de angico-de-bezerro.

Aroeira

Myracrodruon urundeuva Allemão

O seu nome vem de araroeira, ou seja, árvore das araras, dada a preferência das araras por essa planta.

Árvore alta, até 20 m, com tronco reto. Além da caatinga, ocorre também no cerrado e no pantanal, como também em outros países da América do Sul. As flores são miúdas (cerca de 4 mm) e numerosas, de cor amarela ou verde-clara, arranjadas em uma inflorescência de 10 a 15 cm. As folhas têm 7 a 15 folíolos, com 4 a 6 cm de comprimento e 2 a 3,5 cm de largura. Produz flores e frutos na época seca, quando fica completamente sem folhas, destacando-se pela cor róseo-parda da parte das flores que permanece aderida aos frutos. Esses, assim como as flores, são miúdos, com 3 a 4 mm. (Figuras 14 a 17).

Sua madeira é muito pesada, dura e difícil de ser trabalhada, apresentando grande resistência ao apodrecimento e ao ataque de cupins. É usada para moirões, caibros, postes, móveis, peças torneadas, dormentes, etc., além de servir também para carvão e lenha.

Suas folhas são forrageiras, principalmente na época seca. Seus ramos coletados na época das chuvas apresentaram 19,26 % de proteína bruta, 1,06 % de cálcio e 0,27 % de fósforo. Suas cascas têm uso medicinal, contra bronquite, tuberculose, inflamações, ferimentos, doenças do aparelho urinário, diabetes, etc. É também apícola e ornamental, porém seu crescimento não é rápido.

O IBAMA, através da Portaria nº 37-N, de abril de 1992, considera a aroeira como uma espécie ameaçada de extinção.

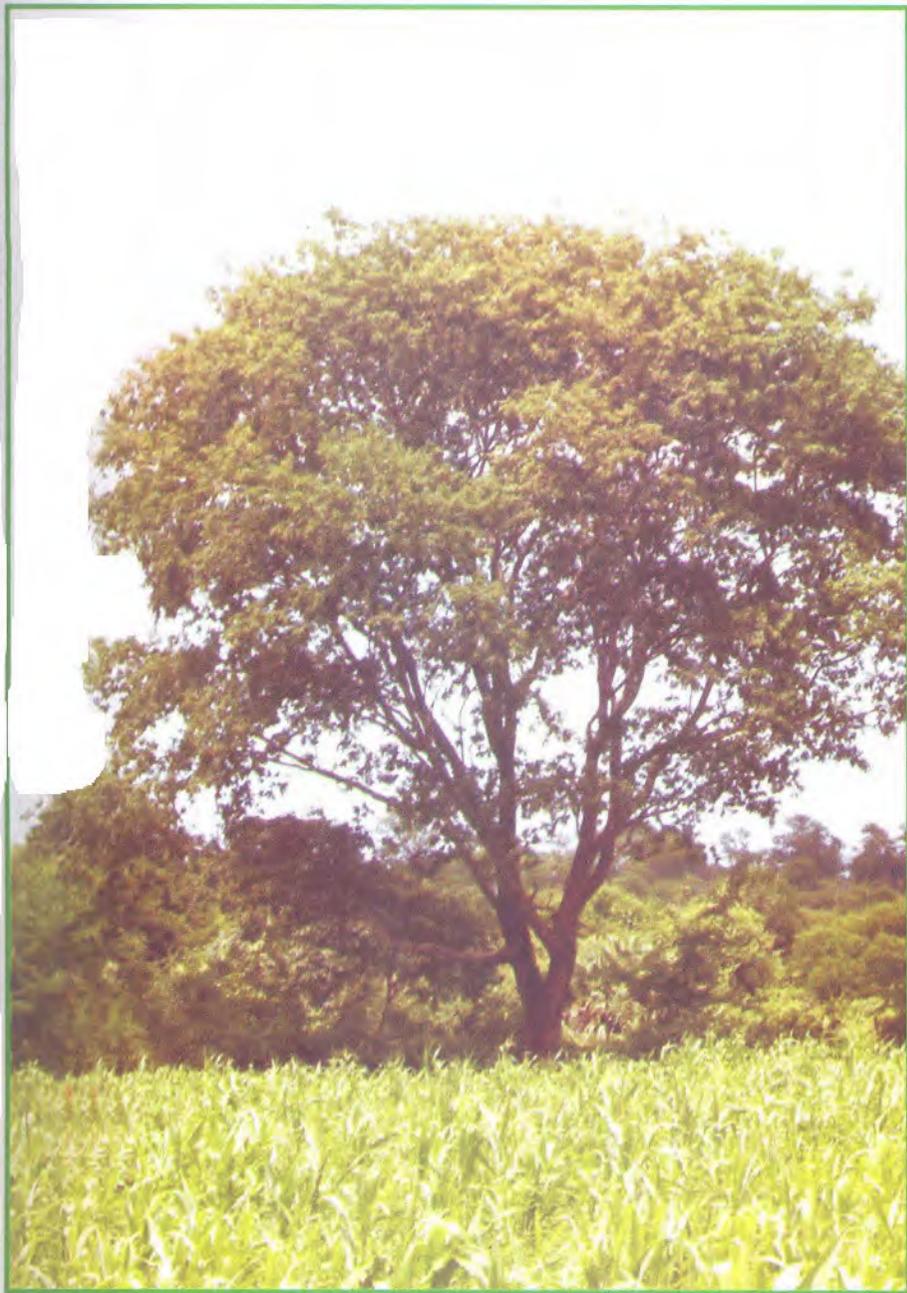


Figura 14. Árvore de aroeira no período das chuvas.

Usos citados pela comunidade

Seu uso mais citado foi o medicinal, lembrado por quase todos que indicaram a planta como importante no assentamento. As indicações predominantes foram como antiinflamatório (inclusive do útero) e cicatrizante. Porém, outros usos foram também lembrados: dor de dente, indigestão, gripe, tosse, gastrite, corrimento, flores brancas e dor na coluna.

A produção de madeira destacou-se entre os usos não-medicinais, seguida pelo uso forrageiro, tendo sido afirmado que “as folhas são boas para todos os animais”. O uso apícola também foi citado.

Foto: Maria do P. Socorro C. Borna do Nascimento



Figura 15. Ramos de aroeira, em fase de produção de frutos.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 16. Frutos de aroeira.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento

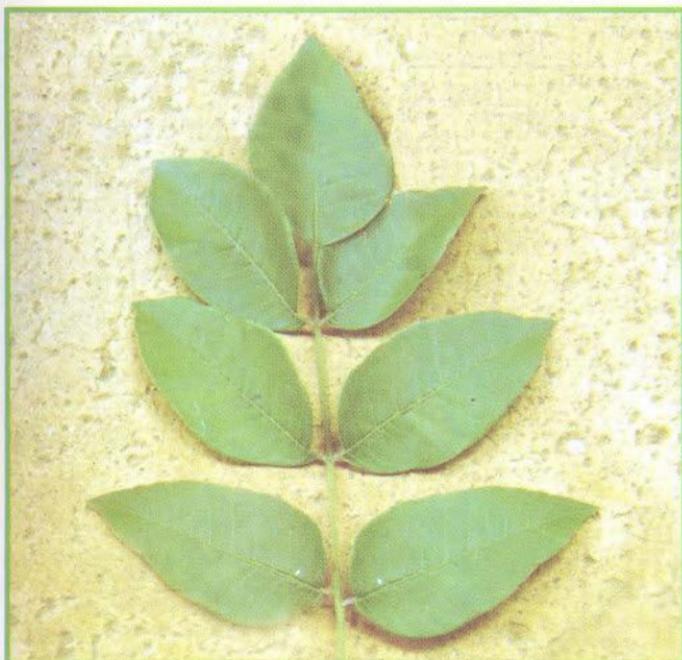


Figura 17. Folha de aroeira.

Birro

Diptychandra aurantiaca Tul.

Árvore de 5 a 8 m de altura, com tronco reto de casca com manchas de cor cinza-clara a marrom. As folhas são compostas (paripinadas), apresentando seis pares de folíolos, com 2,0 a 2,5 cm de comprimento e 1,5 a 2,0 cm de largura. As flores são amarelas, com 0,5 cm. Os frutos têm cor marrom, medem cerca de 8 cm e têm somente uma semente, cujo formato é circular e achatado. Suas folhas, antes de cair da planta, ficam com cor avermelhada, fazendo com que a planta se destaque no meio da caatinga seca. (Figuras 18 a 21).

Sua madeira é de ótima qualidade, moderadamente pesada, dura e resistente. É muito usada para moirões, postes e dormentes. Suas folhas são forrageiras, apreciadas por bovinos, caprinos e ovinos. Como as folhas ficam altas, fora do alcance dos animais, o principal consumo é o de folhas secas caídas ao chão. Nas folhas verdes, analisadas juntamente com os caules finos, foram encontrados altos teores de proteína bruta (22,64 %) e de fósforo (0,80 %) e bom teor de cálcio (0,28 %). É também uma planta apícola, fornecendo néctar e pólen. Como medicinal, é usada contra sangramentos. Tem também emprego no preparo doméstico de sabão. As árvores apresentam elevada capacidade de rebrota, após o corte ou queima.

Usos citados pela comunidade

Tal como a aroeira, o birro foi citado como só existindo, no assentamento, nos locais mais afastados, menos sujeitos à ação do homem. A sua madeira foi indicada como muito boa, destacando-se os usos como caibros e estacas. A produção de lenha também foi lembrada.



Figura 18. Árvore de birro no período das chuvas.

Os usos não-madeireiros foram o forrageiro ("apesar de as folhas serem amargas, são consumidas verdes e secas, caídas ao chão, especialmente por bodes"), medicinal (o uso da casca para problemas intestinais), o emprego do fruto na produção de sabão e o uso apícola.

Foto: Maria do P. Socorro Bona C. do Nascimento

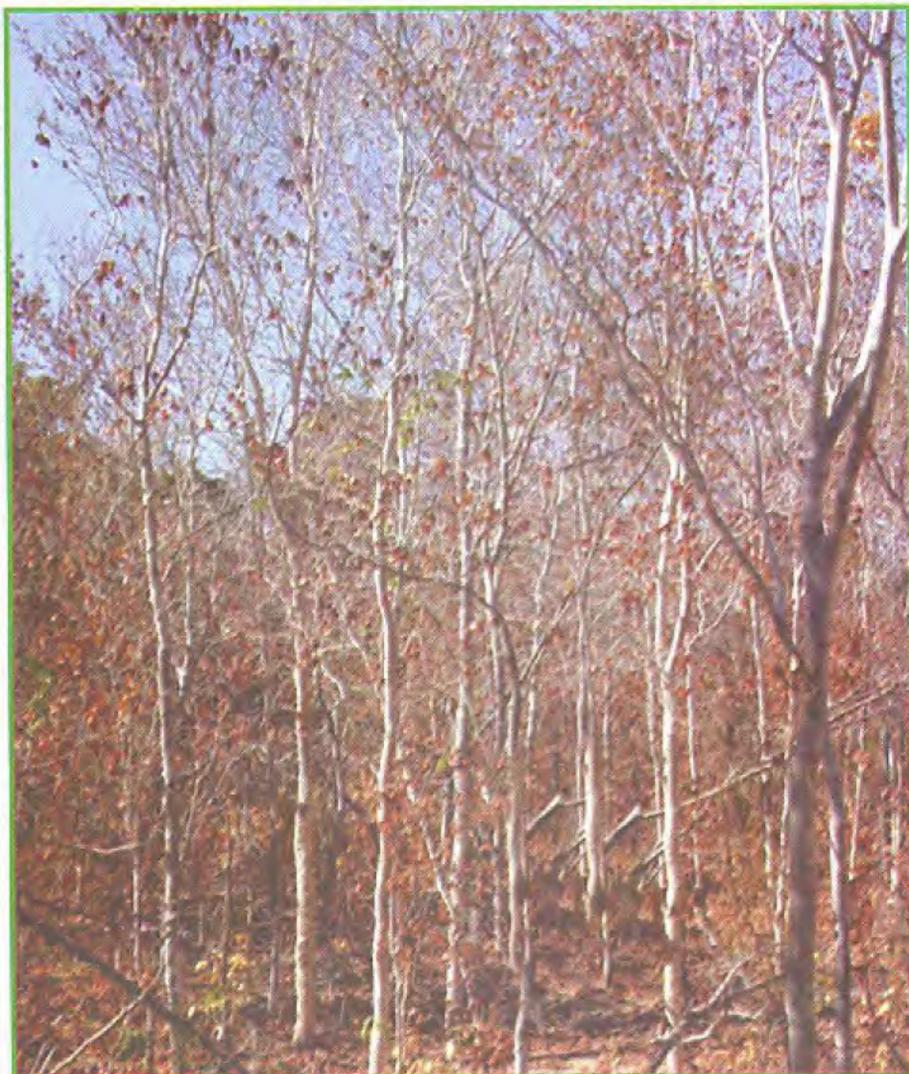


Figura 19. Árvores de birro no período seco.

Foto: Maria do P. Socorro Bona C. do Nascimento



Figura 20. Produção de frutos de birro.

Foto: Maria do P. Socorro Bona C. do Nascimento



Figura 21. Frutos e sementes de birro.

Cabeça-branca

Barreria verticillata (L.) G. Mey

Outro nome: vassourinha-de-botão

O nome cabeça-branca está relacionado à inflorescência redonda, com flores brancas e vassourinha-de-botão, para distinguir de outra "vassourinha" que não apresenta "botão", isto é, a inflorescência arredondada.

Planta herbácea, perene, com 30 a 50 cm de altura, de crescimento ereto ou decumbente, muito ramificada na parte inferior. É uma planta rústica, crescendo em locais secos e preferencialmente abertos, porém pode também ocorrer à meia sombra. As folhas podem ser lanceoladas ou lineares, com 1 a 3 cm de comprimento e 0,5 a 1 cm de largura. Duas a quatro folhas saem de um mesmo ponto ou nó, ou seja, folhas verticiladas. As inflorescências têm cerca de 1 cm de diâmetro, com 10 a 20 flores. Essas flores são miúdas, com 1 a 1,5 mm e de cor branca (Figura 22).

Cresce em locais degradados pela ação do homem e dos animais, áreas de cultivo e capoeiras, margens de estradas e de caminhos e pátios.

É uma forrageira com teor elevado de fósforo (0,60 %), médio de proteína bruta (12 %) e baixo de cálcio (0,12 %). É também apícola e medicinal. As raízes e folhas são colocadas de molho na água, que é bebida como diurética e contra a diarreia infantil. O chá das raízes e folhas é usado em banhos, contra erisipela, hemorróida e varizes.

Usos citados pela comunidade

Foi citada como ótima forrageira, para ovinos e bovinos, e apícola. Não houve referência ao seu uso medicinal.



Figura 22. Plantas de cabeça-branca e detalhe da inflorescência.

Camaratuba

Cratylia mollis Mart. ex Benth.

Arbusto com cerca de 3 m de altura, de crescimento do tipo enramador, alongando seus ramos por cima ou misturando-se aos das plantas vizinhas. Suas flores são em cachos vistosos, de cor róseo ou lilás. Os cachos têm cerca de 30 cm de comprimento e as flores, 2 a 3 cm. As folhas têm três folíolos, cada um com cerca de 5 cm de comprimento e 3 cm de largura. Os frutos (vagens) têm 8 a 10 cm, são achatados, de aspecto aveludado, com quatro a cinco sementes (Figuras 23 a 25).

É uma planta forrageira muito valiosa, de alta aceitação por todos os animais domésticos. Tem elevado valor nutritivo e permanece enfolhada durante grande parte do período seco. A análise das folhas e ramos finos indicou alto conteúdo de proteína bruta (25,2 %) como também elevados teores de cálcio (0,33 %) e fósforo (0,25 %). Suas flores são apreciadas pelas abelhas, com a vantagem de estarem disponíveis do início a meados do período seco. Não tem valor madeireiro, pois seus caules são finos, tortuosos e não resistentes.

Usos citados pela comunidade

Dois usos foram citados: forrageiro e apícola. O alto valor forrageiro das folhas e vagens foi ressaltado com as afirmações: “muito boa forrageira”, “igual a milho”, “muito engordadura”, “animais não criam carrapato”, etc.

O uso apícola foi citado sem comentários.

Fotos: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 23. Planta de camarutuba e detalhe dos ramos com flores.

Foto: Maria do P. S. C. Bona do Nascimento



Figura 24. Vagens de camarutuba.

Foto: Maria do P. S. C. Bona do Nascimento



Figura 25. Flores de camarutuba.

Canafístula

Senna spectabilis (DC.) H. S. Irwin & Barneby

Árvore com 3 a 5 m de altura, com ramos baixos, chegando ao chão, de tronco liso e sem espinhos. As flores são amarelas, vistosas, com cerca de 3 a 4 cm, em uma inflorescência de aproximadamente 40 cm de comprimento, porém pouco densa. O fruto é uma vagem cilíndrica, com cerca de 1 cm de diâmetro e 25 cm de comprimento. Ocorre preferencialmente em solos férteis, profundos e bem drenados. Suas folhas são paripenadas, com 10 a 20 pares de folíolos, medindo de 15 a 25 cm de comprimento e 10-12 cm de largura. Os folíolos têm cerca de 5 cm de comprimento e 2 a 1,5 cm de largura. (Figuras 26 a 28)

Na época seca, dependendo do local, as folhas podem cair total ou parcialmente.

Sua madeira não é resistente, sendo usada para a produção de caixas, gamelas, cochos, colheres, lenha e carvão. Suas folhas verdes ou secas (caídas ao chão) e vagens são forrageiras muito apreciadas por todos os animais domésticos. Analisando-se a proteína bruta das folhas verdes, foi encontrado o percentual de 15% e, nas folhas secas, caídas ao chão, 11 %. O conteúdo de cálcio foi elevado, sendo 2,35 % nas folhas verdes e 1,18 % nas secas, enquanto o de fósforo foi baixo, igual a 0,17 % nas folhas verdes e 0,10 % nas secas. A canafístula tem uso medicinal, sendo usada contra a indigestão. O sumo das folhas é empregado no combate à micose de pele conhecida como "panó branco" e as flores são usadas no tratamento das infecções urinárias.



Figura 26. Planta de canafístula.

Usos citados pela comunidade

Foi citada como forrageira, produtora de estacas, varas e lenha, porém o carvão foi considerado de qualidade ruim. Destacou-se o uso medicinal, sendo o sumo da folhas citado para o combate à impinge. Foi dito que a raspa do caule é colocada de molho na água, que é bebida para facilitar a digestão.

Foto: Maria do P. Socorro Bona C. do Nascimento



Figura 27. Inflorescência de canafístula.

Foto: Maria do P. Socorro Bona C. do Nascimento



Figura 28. Vagens, ramos e folhas de canafistula.

Caneleiro

Cenostigma gardenerianum Tul.

Outro nome: canela-de-velho

Os dois nomes são em função do formato do tronco da planta, que apresenta sulcos profundos no sentido do comprimento, assemelhando-se a vários troncos finos unidos, ou várias canelas magras.

Geralmente apresenta-se como um arbusto pequeno, com 3 a 5 m de altura, porém, dependendo das condições do local, pode ter mais de 10 m. Permanece enfolhada na época seca e mantém as flores e vagens por um período longo. Seu fruto é uma vagem achatada, com cerca de 10 cm de comprimento e 3 cm de largura, afinando bruscamente na ponta. As folhas são paripenadas, com 13 a 17 cm de comprimento e 10 a 12 cm de largura, com três a quatro pares de folíolos. Cada folíolo tem cerca de 5 cm de comprimento e 2,5 cm de largura. As flores têm cor amarela e aproximadamente 2,5 cm de diâmetro, apresentando-se em pequenos cachos. (Figuras 29 a 33).

Na análise das suas folhas verdes mais galhos finos foram encontrados 19% de proteína bruta, 1,0% de cálcio e 0,23 % de fósforo. Nas vagens, as análises indicaram 7,7 % de proteína bruta, 0,09 % de cálcio e 0,11 % de fósforo. Na literatura consultada sua madeira é considerada de uso restrito, por causa do formato do seu tronco, porém, no assentamento, ela tem várias utilidades.

Usos citados pela comunidade

A planta foi mais lembrada como forrageira e produtora de madeira. Apesar de os animais se alimentarem das folhas verdes e secas



Figura 29. Plantas de caneleiro em floração.

caídas ao chão e das vagens, essas “entopem os animais “ ou “furam o intestino”. Como madeira para cerca foi considerada muito boa, principalmente porque as estacas têm duração longa. Também serve para carvão e, principalmente, para lenha, que “dura no fogo”.

Um assentado, apesar de reconhecer a importância para lenha, disse que não a utilizar, pois as plantas, nos locais de fácil acesso, são jovens, enquanto outro reconheceu o valor da planta por permanecer verde durante todo o ano.

Fotos: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 30. Ramos com flores e detalhe da inflorescência.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 31. Tronco de caneleiro.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 32. Folhas de caneleiro.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 33. Frutos de caneleiro.

Cangalheiro

Pterodon emarginatus Vogel

Árvore com cerca de 10 m de altura, com casca acinzentada, que se desprende da planta. As folhas são alternas, compostas, pinadas, com 8 a 10 cm de comprimento e 2 a 3 cm de largura, tendo de oito a dez pares de folíolos, cada folíolo com 1 a 1,5 cm de largura e cerca de 1,5 cm de comprimento. As flores são de cor lilás, com cerca de 1 cm, em cachos de 6 a 8 cm, terminais e com muitas flores. O fruto tem cerca de 5 cm de comprimento e 3 cm de largura, com forma oval e achatada, de cor castanho-escura quando maduro, com uma única semente (Figura 34).

É uma planta melífera e ornamental pela sua beleza e abundância da florada. Sua madeira é amarelo-pardacenta, áspera, pesada e muito dura, difícil de rachar e de longa durabilidade, utilizada em construções pesadas, pontes, vigas, carroçaria, cabos de ferramentas, pisos (tacos) e dormentes. É melífera e medicinal, produzindo um óleo fortemente aromático, que é usado no combate ao reumatismo e diabetes ou, na forma de gargarejo, utilizado contra inflamação da garganta. A raiz é empregada no combate ao reumatismo e à gripe. Suas folhas e vagens são forrageiras muito apreciadas pelos animais domésticos.

Usos citados pela comunidade

O uso mais citado foi na produção de carvão. Várias pessoas afirmaram que a lenha não é de boa qualidade, pois o fogo se apaga rapidamente. O uso forrageiro das folhas, principalmente das novas, e das vagens também foi citado. Como planta medicinal, foi indicada como remédio para o intestino. Não ocorreu nenhuma indicação de uso apícola.



Figura 34. Árvore de cangalheiro e detalhes das flores e frutos.

Carnaubeira

Copernicia prunifera (Miller) H.E. Moore

Palmeira de até 15 m de altura, preferindo solos aluviais pesados dos vales de rios. Suporta bem o alagamento da época das chuvas, como também a salinidade dos solos. Suas folhas são rígidas e têm a forma de um leque aberto, com aproximadamente 1 m de comprimento e de largura. O tronco, que tem cerca de 20 cm de diâmetro, vai se afinando e ficando mais liso à medida que a planta envelhece. Na sua parte inferior, permanecem presas as bases das folhas, dando a impressão de maior diâmetro. As flores e frutos se distribuem em cachos longos, com 3 a 4 m de comprimento, porém pouco densos. As flores são miúdas, de cor creme e os frutos são arredondados ou ovóides com cerca de 2 cm de comprimento e cor marrom ou verde-escura quando maduros (Figuras 35 a 39).

No Nordeste, a carnaubeira tem grande importância econômica e social, tendo muitas utilidades: o caule é empregado na construção de casas, currais, mata-burros, revestimento de poços e até na confecção de móveis; a sua palha é empregada na cobertura de construções rurais e restaurantes típicos, considerada isolante de calor, como também na confecção de vassouras, chapéus, bolsas, esteiras e outras peças artesanais; os frutos são comestíveis, apreciados pelos animais domésticos e silvestres e por parte da população rural; a palha, ultimamente, vem sendo muito usada como cobertura de solo em hortas e pequenas áreas agrícolas.

Historicamente, o seu principal produto econômico é a cera, cujo preço, porém, vem apresentando grandes variações ano a ano, em função do mercado internacional. A planta tem ainda importância ornamental, usada na arborização de ruas e praças. As suas folhas verdes são espontaneamente consumidas pelos animais domésticos, principalmente em situações de deficiência alimentar.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 35. Área com carnaubeiras, vendo-se troncos cortados para retirada da madeira.

Usos citados pela comunidade

Destacou-se o uso da sua madeira, empregada na construção de casas, currais e até de móveis. Outro uso importante foi o da palha das folhas na confecção de esteiras, cintos, cestas, chapéus e, principalmente, vassouras. O uso do seu fruto na alimentação animal e até humana foi bem lembrado. Com menor número de indicações ficou seu uso medicinal, citado como antiinflamatório.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 36. Área com carnaubeiras adultas e jovens.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento

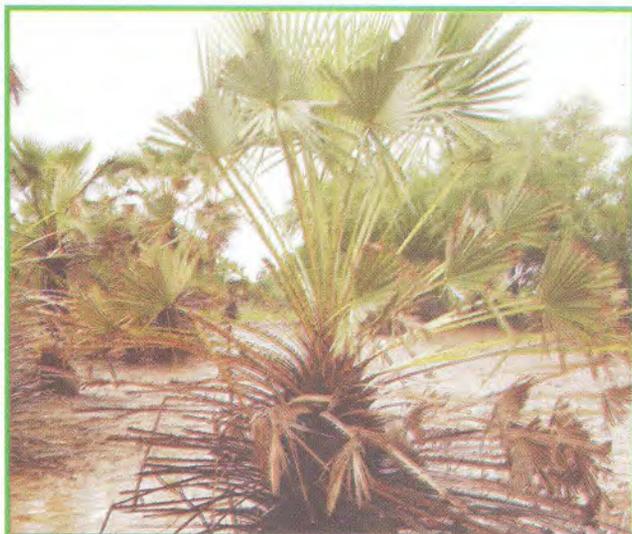


Figura 37. Carnaubeira com folhas pastejadas.

Foto: Maria do P., Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 38. Carnaubeira com flores.

Foto: Maria do P., Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 39. Frutos de carnaubeira.

Catingueira

Caesalpinia bracteosa Tul.

Outros nomes: catinga-de-porco e pau-de-rato

O seu nome está relacionado ao cheiro desagradável das folhas verdes. Nas árvores velhas o tronco fica oco, servindo de abrigo a pequenos animais, especialmente a ratos, daí a planta ser também conhecida como pau-de-rato.

Arbusto de pequena altura, geralmente menor que 5 m, com flores amarelas e vagens de cor castanha, achatadas, com a ponta bem fina. As vagens têm de 8 a 11 cm de comprimento e 2 cm de largura. As folhas são compostas, bipinadas, formadas por dois a três pares de pinas, com quatro a cinco pares de folíolo em cada pina (Figuras 40 a 44). Difere de outra catingueira que também é comum no Piauí e no Nordeste, *Caesalpinia pyramidalis*, que tem mais de quatro pares de pinas.

É uma das espécies mais comuns nas áreas de caatinga. Tem rápida rebrota ao início do período chuvoso, como também crescimento vigoroso após o corte. Sua madeira é usada para estacas, varas, carvão, lenha e cabos de ferramentas. O seu uso forrageiro é prejudicado pelo cheiro desagradável, mas as folhas novas são bem consumidas pelos animais, assim como as folhas fenadas. Na análise das ramas (folhas verdes mais galhos finos) foram obtidos 17,8 % de proteína bruta, 1 % de cálcio e 0,23 % de fósforo. O consumo dos frutos maduros pode causar morte dos animais, devido à perfuração do seu intestino pelas pontas das vagens. As suas folhas, cascas e flores têm uso medicinal, sendo usadas contra infecções catarrais, diarréias e disenterias.

Foto: Maria do P., Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 40. Planta de catingueira.

Usos citados pela comunidade

O uso mais comumente citado foi o medicinal, principalmente o chá das cascas para casos de indigestão, mas também para enxaqueca, febre, abrir o apetite e afinar o sangue. O principal uso não medicinal foi o da madeira para cerca, sendo as estacas consideradas de boa qualidade. Sua lenha e carvão também foram considerados bons. O uso forrageiro compreende as flores, folhas (novas e secas, caídas ao chão), vagens e até a casca (no caso de jumentos e bodes). No entanto, também foram feitas referências negativas sobre o consumo das vagens (“vagens fazem mal” e “vagens matam”).

Houve somente uma referência ao seu uso apícola.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 41. Ovelha alimentando-se das folhas de catingueira, no período

Foto: Maria do P. S. C. Bona do Nascimento



Figura 42. Vagens de catingueira.

Foto: Maria do P. S. C. Bona do Nascimento



Figura 43. Folhas e flores de catingueira.

Foto: Maria do P. S. C. Bona do Nascimento



Figura 44. Detalhes das flores e folhas de catingueira.

Ervaço

Froelichia humboldtiana (Roem. & Schult.) Seub.

Planta herbácea de pequena altura, cerca de 60 cm, ereta e delicada. O caule e as folhas têm a aparência de serem cobertos por uma fina camada de algodão. As flores são minúsculas, de cor branca, reunidas em uma inflorescência de 1 a 2 cm. As plantas crescem em locais abertos, ensolarados e secos, preferindo as capoeiras e áreas alteradas pela ação do homem e superpastejo dos animais. Em cada planta destaca-se um único caule, ereto e fino, com poucas folhas e algumas inflorescências.

A maior parte das folhas está concentrada na base da planta, bem próxima ao solo. Essas folhas são as de maior tamanho, tendo 7 a 8 cm de comprimento e cerca de 2,5 cm de largura, enquanto as folhas localizadas ao longo dos ramos têm de 2 a 5 cm de comprimento e de 1,5 a 2,5 cm de largura (Figura 45).

A análise da sua forragem indicou cerca de 14% de proteína bruta, 0,27 % de cálcio e 0,34 % de fósforo. É considerada uma boa forrageira, inclusive para a produção de leite, sendo muito apreciada por todos os animais. Porém existem informações de que a planta pode causar fotossensibilização (doença conhecida popularmente como "sarna") nos animais.

Usos citados pela comunidade

O único uso citado foi o forrageiro, sendo informado que "os animais comem muito bem, o gado produz muito leite e leite gordo".



Figura 45. Área de capoeira com ervaço e detalhe das inflorescências.



Cnidocolus phyllacanthus (Müll.Arg.) Pax & K.Hoffm.

Outro nome: faveleiro

Arbusto com altura variando de 4 a 8 m, muito ramificado desde a base, com copa rala e espalhada. As folhas são simples, com 8 a 16 cm de comprimento. As flores são brancas, com cerca de 4 mm, em pequenos cachos, ocorrendo flores masculinas e flores femininas. As folhas, frutos e ramos novos apresentam “espinhos” finos (pêlos endurecidos), com até 1 cm de comprimento cuja furada provoca intensa coceira e dor. Os frutos são aproximadamente redondos, com cerca de 2 cm de comprimento e um pouco menos de largura, com três sementes. Quando maduros abrem-se espontaneamente, jogando longe as sementes. (Figura 46).

As folhas secas, caídas ao chão, são apreciadas pelos animais, principalmente por caprinos. Possuem uma boa composição de proteína bruta (17 %), teor de fósforo (igual a 0,17 %) um pouco abaixo das necessidades dos animais e elevado teor de cálcio (2,09%). As sementes, que são ricas em óleo, também são forrageiras consumidas por animais domésticos e silvestres, ou, em situação de falta de alimentos, até pelos moradores da caatinga, que as comem quebradas, misturadas com farinha.

A sua madeira é branca e leve, usada para portas e caixotes. Seu látex é combustível para lamparinas, sendo também usado na retirada de verrugas e como cicatrizante e anti-inflamatório.

Usos citados pela comunidade

O uso mais citado foi na alimentação animal mas também ocorreram referências ao uso medicinal (chá da casca) e à produção de lenha.



Figura 46. Planta de favela e detalhes das flores, folhas e frutos.

Inharé

Brosimum gaudichaudii Trécul

Outro nome: conduru.

Árvore com mais de 10 m de altura, de tronco reto com casca cinzenta e grossa, quase lisa. As folhas são simples e alternadas, rígidas e grossas, com 6 a 10 cm de comprimento e 3 a 5 cm de largura. As flores têm 3 a 5 mm e cor amarelada e os frutos são arredondados, com cerca de 3 cm. (Figura 47).

Sua madeira é macia e medianamente pesada, usada na construção civil e marcenaria, porém tem baixa durabilidade. É também usada para lenha e carvão. Os frutos são comestíveis, mas não são muito apreciados. Suas folhas, cascas e raízes têm emprego no tratamento de vitiligo e outras manchas de pele. O chá das raízes e folhas é depurativo do sangue e remédio para intoxicação, má circulação do sangue e reumatismo. O chá dos ramos é indicado contra gripe, resfriado e bronquite.

Usos citados pela comunidade

Todos que se referiram à planta lembraram o seu uso medicinal, principalmente contra inflamação. Outros usos citados foram como remédio para pano branco, gripe, reumatismo, tratamento da coluna, espinhas e para as doenças de mulher (“descer a menstruação e calor da menopausa”).

Foi citada como ótima forrageira (“folhas e frutos para todos os animais”) e também como apícola. O seu uso madeireiro não foi destacado, pois, conforme dito, apresenta “madeira quebradiça”.



Figura 47. Planta jovem de inharé e detalhes dos frutos.

Jatobá

Hymenaea courbaril L.

Seu nome, no vocabulário indígena, está relacionado a “fruto duro”.

É uma árvore frondosa, com tronco reto e pouco ramificado, atingindo mais de 10 m de altura. As folhas são compostas de dois folíolos coriáceos e brilhosos, com 6 a 10 cm de comprimento e 4 a 6 cm de largura. As flores são brancas, com cerca de 4 cm, em pequenos cachos. Os frutos têm 8 a 10 cm de comprimento, cor marrom quando maduros e cerca de 4 cm de largura, com 3 a 6 sementes, tendo polpa adocicada e comestível (Figuras 48 a 51).

A madeira é dura, pesada e resistente, sendo usada como moirões e para construção civil (linhas, caibros e esteios). O seu tronco produz uma resina que além de medicinal era usada pelos índios para envernizar suas louças e atualmente é usada em vernizes comerciais. Dos frutos é extraída uma farinha de alto valor nutritivo, que pode ser consumida pelo homem e pelos animais.

Tem largo uso medicinal, sendo, o chá da casca, remédio para diarreia, disenteria e cólicas intestinais, enquanto o chá das folhas é indicado para problemas nas vias urinárias. A resina é usada em caso de problemas respiratórios e também no preparo de um fortificante para crianças.

Usos citados pela comunidade

O uso mais citado foi o medicinal, principalmente para inflamação (“usar a água do cozimento da casca”), seguindo-se gripe e anemia. Também foi citado como bom para o coração e sangue (“sangue fraco”), úlcera, calmante, “doença de mulher” (“regular o sangue”), gastrite, hérnia, estimulante do apetite, nervos fracos e malfuncionamento das vias sanguíneas.



Figura 48. Planta de jatobá.

O seu emprego como madeira (estaca), lenha e carvão foi lembrado, sendo esse considerado como de boa qualidade. O uso de seu fruto na alimentação humana também foi citado.

Foi reconhecido que a planta tem ocorrência rara nas proximidades da sede do assentamento (“é difícil”), só existindo em locais afastados (“longe”).

Fotos: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 49. Tronco de jatobá e detalhe dos frutos.

Foto: Maria do P., Socorro C., Bona do Nascimento



Figura 50. Flores de jatobá.

Foto: Maria do P., Socorro C., Bona do Nascimento



Figura 51. Folhas de jatobá.

Jitirana

Centrosema brasilianum (L.) Benth.

Ipomoea bahiensis Willd. ex Roem & Schult.

Merremia aegyptia (L.) Urb.

A palavra jitirana tem origem na língua tupi, significando “falsa batata”.

Três plantas diferentes são localmente chamadas de “jitirana”, sendo todas herbáceas, com ramos finos e longos, enrolando-se em outras plantas. Duas delas são da família Convolvulaceae: jitirana lisa (*Ipomoea bahiense*) e jitirana peluda (*Merremia aegyptia*) sendo as mais vigorosas e de flores mais vistosas. A jitirana miúda (*Centrosema brasilianum*), com folhas e flores menores, é da família das leguminosas.

A jitirana miúda tem flores azuis ou roxas e seu fruto é uma vagem com ponta alongada e fina. É muito resistente à seca e enraíza dos nós presentes nos caules (Figura 52).

Jitirana lisa e jitirana peluda são plantas anuais. Como o nome indica, uma tem pêlos e outra não. As duas espécies podem ser facilmente diferenciadas pelo aspecto das folhas e das flores. As flores da jitirana peluda são brancas e as da jitirana lisa são róseas ou lilases (Figuras 53 a 55).

As três jitiranas são forrageiras para os animais domésticos e são também apícolas. Análises realizadas na forragem das três plantas indicam bom valor nutritivo. Na análise da jitirana miúda foram encontrados proteína bruta de 18 %, cálcio de 0,27 % e fósforo de 0,20 %; na jitirana peluda a proteína bruta foi 21 %, o cálcio, 0,70 % e o fósforo foi 0,58 %. Na jitirana lisa, o teor de proteína bruta foi de 18 %, o de cálcio foi 0,70 % e, o de fósforo, 0,15 %.



Figura 52. Planta de jitrana miúda e detalhe da flor e folha.

Usos citados pela comunidade

Em todas as referências às jitiranas, foi citado o seu valor forrageiro, sendo as três espécies destacadas como “muito boa forrageira”. Em menor escala, foi citado o seu uso apícola e nenhuma referência foi feita a uso medicinal. A jitirana lisa e a jitirana peluda foram também citadas como plantas que causam prejuízos, por causa do seu crescimento vigoroso, como “mata o milho” e “toma conta da capoeira”.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 53. Plantas de jitirana peluda crescendo sobre outras plantas.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 54. Flores e folhas de jitirana peluda.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 55. Flores e ramos de jitirana lisa.

Juazeiro

Ziziphus cotinifolia Reissek

Outro nomes: joazeiro, joá, juá

O nome juá tem origem tupi, significando “fruto colhido do espinho”, podendo também significar “fruto carnosos”. No Nordeste existem quatro tipos de juazeiro, sendo dois da caatinga: *Ziziphus joazeiro* e *Ziziphus cotinifolia*.

Árvore de até 10 m, de copa frondosa, fechada, bem verde e baixa, com ramos quase encostando no chão. O seu caule, assim como os ramos, têm espinhos longos e finos, aos pares, endurecidos. As folhas são simples, tendo o limbo com 4 a 6 cm de comprimento e 3 a 4 cm de largura, facilmente reconhecidas por possuírem três nervuras ao longo do seu comprimento. As flores são miúdas (4 a 6 mm) e de cor amarelo-esverdeada. Seus frutos são comestíveis, sendo ricos em vitamina C. A produção de frutos é elevada e ocorre na estação das chuvas. Os frutos são arredondados, com cerca de 2 cm de diâmetro (Figuras 56 a 59).

As árvores, que crescem de forma isolada, na época seca, destacam-se por manterem-se verdes em meio à caatinga desfolhada. Porém, podem apresentar perda de folhas nos anos mais secos, principalmente as plantas jovens, ou até mesmo as adultas, caso não encontrem água no subsolo. As suas raízes são muito profundas, capazes de buscar e absorver água a grandes profundidades.

A sua madeira é moderadamente pesada, de cor branca-amarelada, servindo para marcenaria, construções rurais, moirões, cabo de ferramentas, lenha e carvão. Seu uso forrageiro é valioso, principalmente na época seca. Na análise da sua forragem foram obtidos 23 % de proteína bruta, 0,18 % de cálcio e 0,49 % de fósforo. Na época seca, quando a produção de flores é escassa, o juazeiro floresce, oferecendo pasto apícola de ótima qualidade. São vários os seus usos na medicina popular, sendo a entrecasca do



Figura 56. Planta de juazeiro.

tronco e as folhas indicadas para o tratamento de asma, febre, catarro, doenças da pele, estômago, sangue e fígado. O chá das raspas é indicado para a lavagem de feridas e para compressas em machucaduras. O pó da casca produz espuma, sendo usado como xampu, sabão e creme dental. Seus frutos são consumidos pelo homem e animais.

Usos citados pela comunidade

Seu uso mais citado foi o forrageiro, porém seguido de perto pelo medicinal e madeireiro. Foi confirmado como valiosa forrageira ("folha e frutos são ótimos para todos os animais"), sendo consumidas as folhas verdes e as secas. Apesar de sua madeira ter sido considerada boa para cerca e lenha, houve também quem dissesse que ela só presta para carvão. Foi também citado como apícola, dando um mel "forte e gostoso". Seu uso como creme dental (feito com as flores e as cascas) foi lembrado várias vezes. Foi também citado como ingrediente para produtos de limpeza e como produtor de sombra.

O uso medicinal de sua casca e folhas foi indicado como remédio para gripe e estômago e como cicatrizante.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento

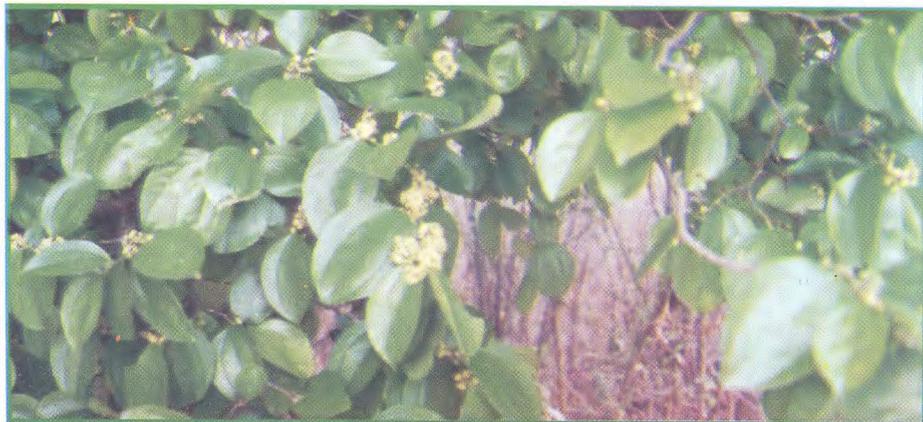


Figura 57. Folhas e flores de juazeiro.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 58. Ramos de juazeiro com frutos.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 59. Flores de juazeiro.

Jucá

Caesalpinia ferrea Mart. ex Tul.

Outro nome: Pau-ferro

O nome "pau-ferro" é relacionado à dureza da madeira. Por causa dessa característica, os índios usavam a planta para fazer uma arma (tacape), daí o nome jucá, que em tupi-guarani significa matar.

É um arbusto de pequena altura (cerca de 5 m), porém em locais de solos férteis cresce até 12 m. Seu tronco é bastante ramificado, liso, de cor cinza, apresentando manchas mais claras devido à queda de pedaços da casca. Suas folhas são compostas, bipinadas, apresentando 2 a 4 pares de pinas e mais uma pina terminal. As pinas têm quatro a seis pares de folíolos, que medem de 1,5 a 2,5 cm. Suas flores são amarelas com finas listras vermelhas a partir do centro. Seu fruto é uma vagem achatada, com 8 a 10 cm de comprimento e cerca 1,5 cm de largura, com 3 a 6 sementes, difícil de ser aberta e muito apreciada pelos animais (Figuras 60 a 63).

Sua madeira é muito dura e pesada, empregada em cabo de ferramentas, esteios, estacas, lenha e carvão. Na medicina popular, a sua casca é posta de molho na água, que é usada para lavar contusões e feridas, e bebida contra tosse e asma. O lambedor feito da casca é remédio para fortalecer o sangue e para gripe. Os seus frutos são antidiabéticos, anticatarrais e cicatrizantes. O chá das folhas e frutos é antidiarréico. Frutos e ramos são forrageiros, sendo muito apreciados pelos animais. A análise dos frutos indicou 7,75 % de proteína bruta, 0,70 % de cálcio e 0,12 % de fósforo, enquanto nos ramos foram observados 16,0 % de proteína bruta, 1,19 % de cálcio e 0,28 % de fósforo.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento

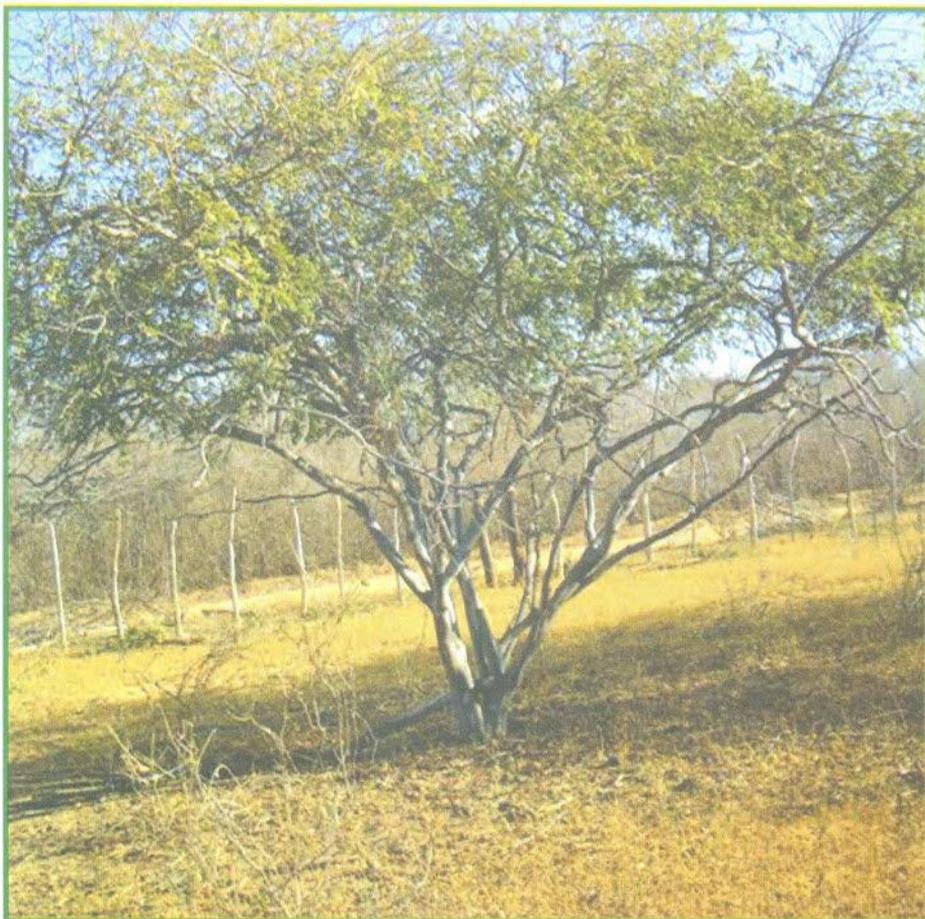


Figura 60. Árvore de jucá.

Usos citados pela comunidade

O uso medicinal foi o mais citado, incluindo a casca, os frutos e as folhas, na forma de chá, lambedor e xarope. As indicações foram: dor, febre, gripe, tosse, anemia, calmante e estimulante do apetite. Foram também citados o uso forrageiro de suas folhas e frutos e o emprego da madeira como estacas para cerca.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 61. Folhas, frutos e vagens de jucá.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 62. Vagens verdes de jucá.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 63. Vagens maduras de jucá.

Jurema-preta

Mimosa tenuiflora (Willd.) Poir.

Jurema significa, na linguagem tupi, espinho suculento. Existem vários tipos de jurema no Semi-Árido. A jurema preta diferencia-se pela cor (preta) de seus caules e ramos.

Arbusto com 4 a 6 m de altura, muito ramificado, com copa baixa, caule e ramos com casca escura e muitos espinhos. É uma espécie endêmica da caatinga, tendo elevada ocorrência, muitas vezes formando matas. Suas flores são brancas, miúdas, porém dispostas em espigas vistosas, de 4 a 8 cm de comprimento. Sua vagem é pequena, tendo 2,5 a 5 cm de comprimento e 4 a 6 sementes. Suas folhas são bipinadas, tendo 5 a 7 pares de pinas com 18 a 36 pares de folíolos muito pequenos (Figuras 64 a 67).

Sua madeira é muito pesada, de cor avermelhada, com alta resistência e durabilidade, sendo uma das mais importantes da caatinga. É usada para moirões, estacas, peças de resistência, carvão e lenha, sendo esses dois últimos de alto valor energético. É uma forrageira muito procurada por bovinos e caprinos. Na sua forragem foram encontrados 16,7 % de proteína bruta, 0,69 % de cálcio e 0,14 % de fósforo. As suas flores são apícolas, sendo fonte de néctar e pólen. A sua casca tem vários usos: medicinal, usada como cicatrizante e antiinflamatório, em form de pó; empregada, no tratamento de acne e queimaduras, também usado, como analgésico, bactericida e antifebril; é ainda usada para curtir couros.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 64. Árvore de jurema-preta com flores, no período das chuvas.

Usos citados pela comunidade

O uso da madeira, principalmente para estacas de cerca foi o mais citado, sendo acrescentado que as estacas são de boa resistência. Os galhos mortos são usados como lenha (“é a melhor lenha”). Apesar da citação do uso da planta para a produção de carvão, foi dito que o carvão não é bom. Seu uso medicinal foi indicado para casos de “sangue ruim”, dores, micoses e inflamação. A planta foi também citada como ótima forrageira (folhas e vagens) e apícola.

Fotos: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 65. Árvores de jurema-preta e detalhe da sua inflorescência.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 66. Ramos de jurema-preta com flores.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 67. Frutos de jurema-preta.



Sida cordifolia L.

Outros nomes: malva veludo e malva branca.

Várias plantas herbáceas são denominadas “malva”. Na presente espécie, o acréscimo de “veludo” e “branca” ocorre em função de suas folhas serem macias e apresentarem cor esbranquiçada.

É uma erva com altura de 0,7 a 1,20 m, dependendo do terreno. Tem porte ereto e ciclo perene. As flores variam de amarelas a alaranjadas, com 1 a 2 cm de diâmetro. O formato das sementes faz com que, no assentamento, essa planta seja também denominada “malva-cabeça-de-vaca”. As folhas têm de 10 a 15 cm de comprimento, com 8 a 10 cm de largura (Figura 68).

Forma uma grande população de plantas em locais secos, arenosos, alterados pela ação do homem ou pelo superpastejo, tais como pátios e margens de estradas. É apícola, apesar de não muito importante. Como forrageira, não é das mais apreciadas, mas serve, nas épocas mais difíceis, sobretudo para caprinos e jumentos. Possui um bom valor nutritivo, com proteína bruta igual a 17 %, fósforo igual a 0,40 % e cálcio, 0,58 %. Tem propriedades medicinais, com ação comprovada como antiamebiana, analgésica e antiinflamatória. É indicada no combate à pressão alta e diabete.

Usos citados pela comunidade

O uso mais citado foi o forrageiro. O uso apícola não foi incluído e, segundo um informante, “não serve para nada”. Foi ressaltado o uso do chá da raiz como remédio para gripe.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 68. Plantas de malva com flores.

Mandacaru

Cereus jamacaru DC.

Tem de 2 a 9 m de altura, com caule formado de várias articulações, sendo as mais velhas de cor cinza e mais endurecidas e as mais novas, de cor verde e com maior conteúdo de água. Seu fruto é graúdo, aproximadamente cilíndrico, tendo cerca de 10 cm de comprimento e 6 cm de largura e interior branco. Suas flores são brancas e grandes, com cerca de 10 a 15 cm, permanecendo fechadas durante o dia e abertas durante a noite. Apresenta muitos espinhos, com tamanhos variando de 1 a 8 cm (Figura 69).

É uma das plantas mais típicas do Semi-Árido nordestino, tendo grande valor na alimentação dos rebanhos na época seca. Ao serem oferecidos aos animais, os "galhos" devem ser queimados, para a eliminação dos espinhos. A planta serve também para fornecer água aos animais, pois mais da metade do seu peso é constituído de água. Retirada a água, a planta tem 6,40 % de proteína bruta, 0,08 % de fósforo e elevado conteúdo de cálcio (2,09 %). Na medicina popular a raiz é usada nos casos de pedras nos rins, infecções e febre. A parte interna do caule, usada como xarope, é indicada no tratamento de tosses, úlceras gástricas e bronquites.

Usos citados pela comunidade

Foram lembrados os usos forrageiro e medicinal. Esse último para problemas no coração, dor de cabeça, inflamações no útero, purificação do sangue e tratamento da menopausa. O chá das raízes foi indicado para o tratamento de varizes, gripe e pneumonia. Também foi lembrado o uso da planta para produtos de limpeza.



Figura 69. Planta adulta de mandacaru e detalhe do tronco e da flor.

Marmeleiro

Croton sonderianus Müll.

Arbusto apresentando, geralmente, menos de 6 m de altura, ereto e pouco ramificado. Suas folhas são simples de cor verde-escura por cima e verde-clara por baixo. Nos ramos novos, as folhas são maiores, atingindo 15 a 20 cm. As flores são miúdas e de cor branca, localizadas nas pontas dos ramos, em inflorescências com tamanho variando de 7 a 20 cm. Os frutos também são miúdos, com cerca de 6 mm, contendo três sementes. Perde as folhas na estação seca, mas novas folhas surgem rápida e abundantemente com as primeiras chuvas (Figuras 70 a 73).

É uma planta pioneira, muito comum nas capoeiras, adequando-se ao uso na recuperação de solos degradados e no controle da erosão. Em toda a planta (das raízes às folhas) está presente um tipo de óleo com propriedades semelhantes aos óleos derivados do petróleo. O uso desse óleo, como substituto de óleo diesel, já foi proposto.

Seus ramos são muito usados como varas, na construção de cercas e de casas de taipa, empregados como ripas, caibros e linhas. Tem também larga importância como planta apícola, originando mel de excelente qualidade. Suas folhas secas são forrageiras.

É também uma planta de largo uso medicinal: as cascas são usadas como digestivo e a raspa da casca, como remédio para dor de cabeça e enxaqueca.



Figura 70. Planta de marmeleiro no período das chuvas.

Usos citados pela comunidade

O marmeleiro foi mais citado como fonte de madeira, principalmente como varas para cercas, mas também como lenha. O seu carvão foi citado como muito bom. O uso medicinal também mereceu destaque, incluindo a casca e as folhas. O chá dessas, principalmente das amarelas, foi indicado para febre. Foi informado que as raspas da casca são colocadas de molho na água, que é usada como digestivo e para combater a azia. Como uso forrageiro foi citada a preferência pelas folhas novas e folhas secas.

O valor apícola também foi ressaltado, sendo informado que a planta dá origem a um mel muito gostoso. Foi feita uma citação sobre o uso das folhas como adubo (“adubo muito bom”).

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 71. Planta de marmeleiro no início do período seco.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 72. Folhas e inflorescências de marmeleiro.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 73. Frutos de marmeleiro.

Mata-pasto

Senna obtusifolia (L.) H. S. Irwin & Barneby

Planta anual, ereta, atingindo até 1,80 m de altura, formando densa população de plantas em áreas alteradas pela ação do homem e de animais, tais como capoeiras, margens de estradas, proximidades de currais, de aguadas, etc. Suas flores são amarelas, com cerca de 2 cm de diâmetro e as vagens são cilíndricas, estreitas (0,3 a 0,5 cm de diâmetro) e compridas (10 a 12 cm de comprimento), com muitas sementes. As folhas são compostas, paripenadas, com três pares de folíolos, cada um com cerca de 4 cm de comprimento e 2,5 cm de largura. No período seco, as vagens "estalam", espalhando as sementes, que prontamente germinam com as primeiras chuvas, formando uma densa população de plantas (Figuras 74 a 76).

Como forrageira, o mata-pasto não é apreciado quando verde, por causa do seu sabor amargo. Porém, é bem consumido na forma de feno ou quando as plantas amadurecem e secam. No entanto, as plantas secas têm poucas folhas, ou seja, o valor forrageiro não é elevado. O melhor é fazer o feno, recomendando-se o corte aos quatro meses de idade das plantas, quando se obtém alta produção combinada com bom valor nutritivo. Nessa idade foram obtidos proteína bruta de 18,10 %, 0,17 % de fósforo e 1,70 % de cálcio. Tem uso medicinal, sendo suas folhas usadas como purgativas e no combate à asma.

Usos citados pela comunidade

Nas citações feitas ao mata-pasto, todos os informantes se referiram ao uso forrageiro. O uso apícola foi muito pouco lembrado e nenhuma

Foto: Mania do P., Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 74. Plantas de mata-pasto.

referência foi feita ao seu emprego medicinal. No uso forrageiro, foi ressaltado que o consumo se restringe às plantas secas, pois as verdes têm gosto amargo. Da planta seca, são forrageiras as folhas, as vagens e o caule (“os bichos comem até a madeira” e “jumento come até o talo”). Além do elevado consumo, foi também dito que as plantas “engordam muito”.

Foto: Maria do P. S. C. Bona do Nascimento



Figura 75. Caprinos em área com mata-pasto.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 76. Ramo de mata-pasto com frutos verdes e flores.

Mufumbo

Combretum leprosum Mart.

Outro nome: mofumbo

É um pequeno arbusto, com altura menor que 3 m, de cor acinzentada. Os ramos são longos, muitas vezes parecendo um cipó. As folhas são simples e graúdas, tendo cerca de 15 cm de comprimento e 10 cm de largura, de cor verde-pálida. As flores são miúdas, de cor inicialmente branca, mudando depois para amarelada. Grande parte das folhas permanece na planta durante a estação seca, comumente apresentando-se furadas por insetos. Os frutos têm formato característico, com cerca de 3 cm de comprimento e cor marrom, permanecendo na planta por alguns meses (Figuras 77 a 79).

É uma planta pioneira, comum em capoeiras e áreas degradadas, portanto, prestando-se à recuperação do solo e controle de erosão. Sua madeira é moderadamente pesada e macia, pouco resistente e de baixa durabilidade, usada para caixotes e compensados. É também empregada como vara na construção de cercas, e usada como lenha e carvão.

É uma importante planta apícola, fornecendo néctar e pólen. Porém, seu uso forrageiro é restrito. Tem largo emprego na medicina popular: o cozimento e o xarope de suas flores são usados contra tosse e coqueluche; o chá das folhas e dos frutos é usado contra asma e o chá das folhas e da entrecasca é indicado como calmante.



Figura 77. Planta de mofumbo.

Usos indicados pela comunidade

Os usos mais citados foram madeireiro, medicinal e forrageiro. Como medicinal é usada principalmente a raspa da casca, servindo para estancar o sangue e cicatrizar ferimentos. O seu fruto foi indicado para tratar gripe e dor na barriga e as suas flores, para chá contra gripe. A planta foi também citada como indicada para o tratamento de diabete e inflamações.

A sua madeira foi lembrada como boa para cerca (estaca) e vara. No entanto, a sua lenha não foi considerada de boa qualidade. Apesar de o seu uso forrageiro ter sido citado várias vezes, não é tida como uma boa forrageira, pois os animais selecionam e comem reduzida porção de folhas novas, frutos e folhas secas, caídas ao chão. As flores foram lembradas como apícolas e as folhas como adubo para horta.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 76. Inflorescências de mofumbo.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 79. Frutos de mofumbo.

Pau-d'arco-roxo

Tabebuia impetiginosa (Mart. ex DC.) Standl.

Significado do nome: pau-de-arco, pois era usado pelos índios para fazerem seus arcos.

Árvore de copa aberta e altura de até 15 m. Suas flores são graúdas, com 4 a 7,5 cm, reunidas em uma vistosa inflorescência, em forma de bola, de cor rósea ou lilás, destacando a árvore na época da floração. Suas folhas são compostas por cinco folíolos de bordos lisos, saindo de um único ponto. Os folíolos medem de 10 a 12 cm de comprimento e cerca de 7 cm de largura. A árvore fica sem folhas na estação seca por um curto período, antes da floração. Seus frutos têm de 20 a 25 cm de comprimento e 2 cm de largura, se abrem ainda na planta, liberando muitas sementes que são carregadas pelo vento (Figuras 80 a 84).

Tem vários usos na medicina: a infusão da casca é usada no combate à escabiose (sarna), daí o seu nome “impetiginosa” (contra o impetigo ou sarna). A infusão da entrecasca é empregada no controle da anemia, como antiinflamatório e anticancerígeno. É apícola e suas flores são forrageiras muito apreciadas, sobretudo por caprinos. A sua análise indicou proteína bruta de 14,30 %, cálcio de 0,46 % e fósforo igual a 0,65 %. Sua madeira é de alta qualidade, muito pesada, tem grande durabilidade e é resistente a insetos, sendo usada para dormentes, postes, degraus de escadas, etc. É também uma planta ornamental muito usada no Brasil, principalmente pela beleza da árvore e das flores.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 80. Árvore de pau-d'arco-roxo em floração.

Usos indicados pela comunidade

Nas informações coletadas, o pau-d'arco-roxo destacou-se como planta medicinal e fornecedora de boa madeira. O uso da casca na forma de chá, lambedor ou ainda na água do banho foi citado como remédio para gripe, tuberculose, pneumonia, tosse, rins, pressão alta, cicatrizante, inflamação no útero e na pele, problemas no intestino e no útero. Sua madeira foi considerada como muito boa para a fabricação de móveis e construção de casas: portas, caibros, portais.e “todo tipo de obra”, além de estacas para cerca. Foram citados também os usos apícola e forrageiro, este último incluindo as folhas (“boas para todos os animais”) e as flores. A planta foi ainda lembrada como fornecedora de sombra.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 81. Planta de pau-d'arco-roxo.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 82. Inflorescências de pau-d'arco-roxo.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 83. Folha de pau-d'arco-roxo.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 84. Frutos de pau-d'arco-roxo.

Quebra-panela

Alternanthera brasiliana (L.) Kuntze

Outros nomes: quebra-tigela e cabeça-branca

É uma planta herbácea perene, com 40 cm a 1 m de altura, dependendo do terreno. Tem porte decumbente, poucas folhas e caules finos. As flores são de cor amarela, muito miúdas, e não facilmente visíveis, pois são envolvidas por “escamas” endurecidas de cor branca, reunidas em uma “cabeça”. Devido ao endurecimento das escamas, a planta é popularmente descrita como “espinhenta”. As folhas são simples e em número reduzido, com o comprimento de 2 a 5 cm e largura de 1,5 a 2 cm. Os caules são pouco ramificados, com as inflorescências ao final dos ramos (Figura 85).

Tem ocorrência comum em capoeiras abertas e em áreas degradadas ou em processo de degradação, como margens de estradas e locais superpastejados. Nas áreas mais férteis forma uma densa população de plantas. É apreciada como forrageira, principalmente por ovinos e bovinos. Tem bom valor nutritivo, com 14,10 % de proteína bruta, 0,18 % de cálcio e 0,47 % de fósforo. O chá das inflorescências é usado contra a tosse, enquanto o das folhas é diurético, digestivo e depurativo, empregado nas doenças do fígado e da bexiga.

Usos citados pela comunidade

Foi citada como uma boa forrageira, especialmente para ovinos, coletando-se a informação de que “os animais adoram”. Também foi citada como uma boa planta apícola, mas não ocorreu nenhuma referência ao seu medicinal.



Figura 85. Ramos de quebra-panela.

Umburana-de-cambão

Commiphora leptophloeos (Mart.) J. B. Gillett

Outros nomes: amburana, imburana, amburana-de-cambão, imburana-de-cambão, amburana-de-espinho, imburana-de-espinho.

A palavra umburana, em linguagem tupi-guarani, significa falso umbu ou semelhante a umbu. O uso dos seus galhos amarrados ao pescoço dos animais, conhecido como cambão (peça usada para evitar a passagem indesejada em cercas e dificultar longas caminhadas), como também a presença de espinhos, servem para nomear esta planta, diferenciando-a da umburana-de-cheiro.

Árvore de copa aberta e espalhada, com cerca de 4 a 10 m de altura, dependendo do solo, com casca lisa, fina e brilhante, de cor variando de verde a avermelhada, que se solta naturalmente. Os ramos têm muitos espinhos, com tamanho variando de 1 a 2 cm. As folhas são endurecidas (cartáceas), alternas, com 4 a 8 cm de comprimento, compostas por três a nove folíolos. Esses têm dimensões de 1,5 a 3 cm de comprimento e 1 a 2,5 cm de largura, são elípticos ou mais ou menos arredondados, porém com uma pequena ponta afinada. As flores são miúdas, com cerca de 3 mm, e cor branco-esverdeada, em ramos curtos (Figuras 86 a 89).

Sua madeira é leve, de cor clara, pouco resistente ao apodrecimento. É usada em portas (principalmente internas), forros, móveis, gamelas, colheres, instrumentos musicais, etc. Suas estacas enraízam facilmente, formando cercas-vivas. Seus troncos geralmente ficam ocos, servindo de abrigo para abelhas. Seus frutos são comestíveis e suas ramas, secas ou verdes, são forrageiras, com elevado teor de cálcio (1,10 %), média proteína bruta (13 %) e baixo fósforo (0,13 %). Tem uso na medicina popular, sendo o infuso da casca e o xarope usados como tônicos e cicatrizantes. O seu caule ferido

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 86. Planta de umburana-de-cambão no período seco.

produz uma resina que é aquecida e usada contra dor de cabeça. As cascas e sementes têm ação balsâmica, usadas no tratamento de asma, bronquite, tosse, pneumonia e outras doenças das vias respiratórias.

Usos citados pela comunidade

O uso medicinal foi o mais citado, sendo a planta indicada no tratamento de gripe, sinusite, tosse, inflamações e no controle de sangramentos. Também foi citado o uso da madeira para portas, janelas, colher-de-pau e de seus ramos para forragem.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 87. Detalhe do caule de imburana-de-cambão.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 88. Folhas de umburana-de-cambão.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 89. Frutos de umburana-de-cambão.

Umburana-de-cheiro

Amburana cearensis (Allemão) A. C. Sm.

Outros nomes: amburana, imburana, cumaru, cumaru-da-caatinga, cumaru-de-cheiro, cerejeira, cerejeira-rajada.

A palavra umburana, em linguagem tupi-guarani, significa falso umbu ou semelhante a umbu. Sua casca e sementes têm cheiro, devido à presença de cumarina, daí ser acrescentado ao nome "de-cheiro" para diferenciar da umburana-de-cambão.

Árvore de aproximadamente 8 a 15 m, tronco liso, apresentando cor-de-vinho ou marrom-avermelhada, com casca lisa, que se descama. Possui madeira de cor bege a castanho-claro, moderadamente dura e pesada, macia, porosa e elástica com cheiro acentuado de baunilha. As folhas são alternas, compostas e imparipinadas, medindo 3 a 4,5 cm de comprimento e 1,5 a 2,5 cm de largura. A inflorescência é uma panícula terminal e lateral, com cerca de 50 a 150 flores. Estas têm, aproximadamente, 1 cm de comprimento e cor creme. O fruto é um legume que se abre naturalmente quando maduro, medindo de 4 a 5 cm de comprimento e 1,5 a 2 cm de largura, com uma única semente, na parte inferior do fruto (Figuras 90 a 93).

A madeira é aromática, usada para fabricação de móveis, esculturas, lambris, balcões, esquadrias, forros, taboados, etc., com uso na carpintaria e marcenaria em geral. É vendida no comércio sob o nome de cerejeira. Além disso, fornece lenha de boa qualidade. A análise de sua forragem indicou 12 % de proteína bruta, 0,24 % de cálcio e 0,12 % de fósforo. A casca, misturada ou não às sementes, constitui um expectorante contra tosse, bronquite, asma e quaisquer afecções pulmonares, tendo também uso na cicatrização de feridas. O banho preparado com as cascas é empregado contra dores

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 90. Árvore de umburana-de-cheiro no início do período das chuvas.

reumáticas. A cumarina das sementes é utilizada na aromatização de tabacos, roupas e sabonetes e como repelente de insetos e traças.

Usos citados pela comunidade

Foi mais citada como planta medicinal, no tratamento de gripe, tosse, sinusite e asma. O segundo uso mais apontado foi o madeireiro, para móveis, portas e "construção". Foi também lembrado o seu emprego no cabo de instrumentos de trabalhos (pá, enxada e foice) e o uso de suas sementes e folhas na alimentação animal.

Fotos: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 91. Tronco de umburana-de-cheiro e detalhe da folha.

Foto: Ruth Raquel S. de Farias



Figura 92. Inflorescência de umburana-de-cheiro.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 93. Sementes de umburana-de-cheiro.

Umbuzeiro

Spondias tuberosa Arruda

Outro nome: imbuzeiro

Seu nome vem do tupi-guarani, significando “árvore-que-dá-de-beber”

Arbusto que pode atingir 7 m de altura, com tronco curto e copa larga, muitas vezes maior que a altura. Suas flores são alvas e miúdas e as folhas têm 3 a 4 pares de folíolos com 4 a 6 cm de comprimento e 2 a 2,5 cm de largura. O seu tronco e galhos são muito curvos, com casca lisa. Perde as folhas na época seca e, na proximidade ou no começo das primeiras chuvas, inicia a floração, surgindo depois as primeiras folhas (Figuras 94 e 98).

Exibe elevada resistência à seca, pois suas raízes apresentam ‘batatas’ que fornecem água e alimento para as plantas durante o período seco. Seu fruto é saboroso e nutritivo, rico em proteínas, minerais, amido e vitamina C, sendo consumido in natura ou na forma de sucos. Suas folhas e frutos são forrageiros para animais domésticos e silvestres e as folhas podem ser usadas em saladas na alimentação humana. Tem importante papel como planta apícola, fornecendo pólen. Nos últimos anos vem aumentando a área plantada com umbuzeiro no Nordeste, para a comercialização dos frutos. Pode ser propagada por sementes ou por estacas, porém, neste último caso, a formação das “batatas” é prejudicada. Sua madeira é leve e fácil de ser trabalhada, porém de baixa durabilidade.

Usos citados pela comunidade

O uso mais comumente citado foi a produção de frutos para alimentação humana, mas foram também indicados os usos forrageiro (folhas e frutos), apícola e medicinal. Nesse aspecto, foram citados o chá das folhas e a raspa da casca do tronco como remédio para dor intestinal, desintéria e como cicatrizante.

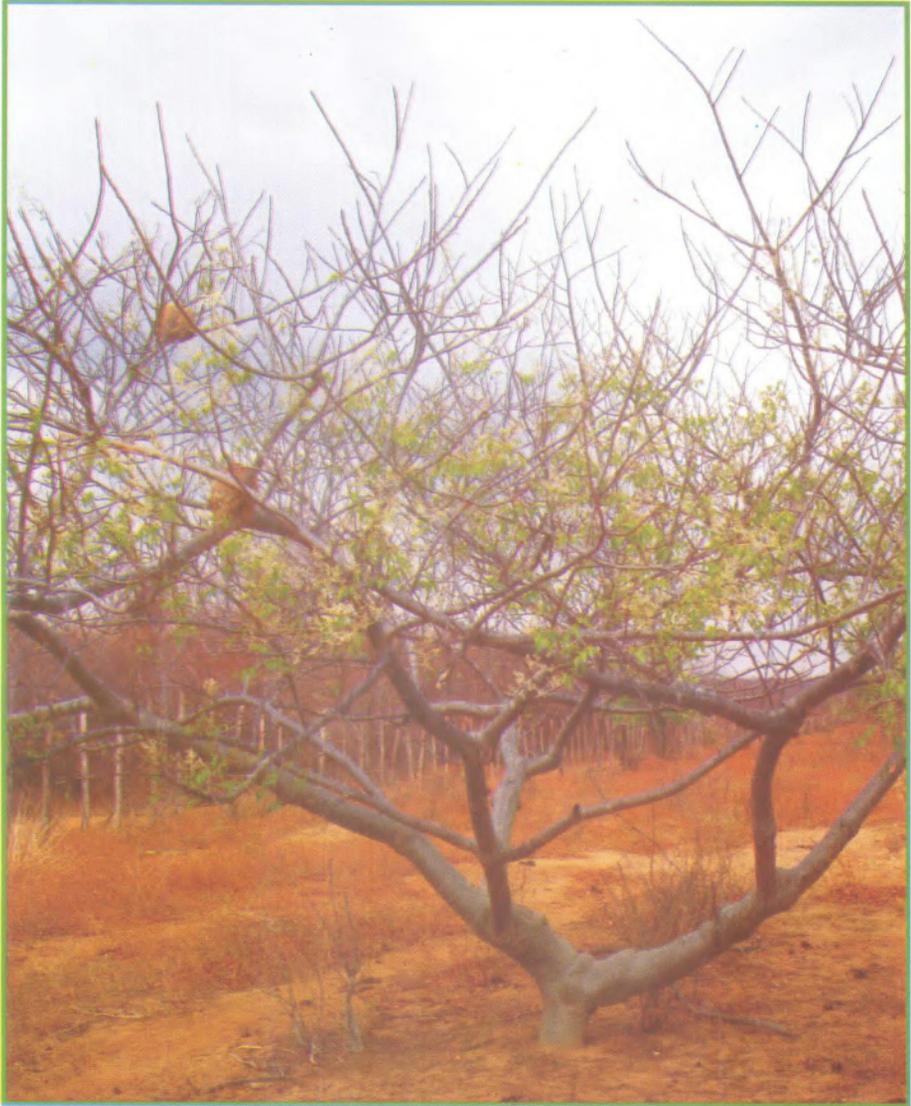


Figura 94. Planta de umbuzeiro - iniciando a fase de produção de folhas e flores, ao final do período seco.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 95. Planta de umbuzeiro em floração.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 96. Flores de umbuzeiro.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 97. Ramos e flores de umbuzeiro.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Figura 98. Frutos de umbuzeiro.

Velame

Croton campestris A. St. - Hil.

Arbusto com ramos herbáceos e tronco mais ou menos lenhoso, com 1 a 2 m de altura. As folhas adultas têm cerca de 7 cm de comprimento e 3,5 cm de largura, tendo a face dorsal (inferior) recoberta por minúsculos pêlos, dando-lhe uma cor esbranquiçada. A planta apresenta flores femininas e flores masculinas. As primeiras se localizam na parte inferior da inflorescência e têm cor verde. As flores masculinas têm cor branca, medem cerca de 4 mm, são perfumadas e melíferas. Os frutos são do tipo cápsula, têm cerca de 7 mm x 5 mm, com três sementes (Figura 99).

Como forrageira, não é muito apreciada, sendo consumida apenas em pequena quantidade, sobretudo as folhas mais novas. Porém, é bem consumida em situação de escassez de forragem, sobretudo por caprinos e asininos (jumentos). Seu valor nutritivo é bom, tendo alto conteúdo de cálcio. A análise de suas folhas e galhos finos, coletados na época das chuvas, indicou 14,8 % de proteína bruta, 1,15 % de cálcio e 0,22 % de fósforo. Tem larga aplicação na medicina popular, sendo usada como depurativa, desobstruente e diurética e também para problemas de pele, reumatismo, sífilis, etc. Além disso é uma planta muito procurada pelas abelhas.

Usos indicados na comunidade

Foi citada como planta forrageira e medicinal, indicada no tratamento de gripe.



Figura 99. Planta de velame e detalhes da inflorescência e frutos.

Violeta

Machaerium acutifolium Vogel

Outros nomes: violete e coração-de-negro.

O nome violeta está relacionado à cor do âmago de sua madeira.

Árvore de até 10 m de altura, com o tronco apresentando sulcos no sentido do comprimento ("casarento"). As folhas têm de 12 a 15 cm de comprimento, são imparipenadas e composta por 11 a 15 folíolos, cujo tamanho varia de 5 a 8,5 cm de comprimento e de 2 a 3,5 cm de largura, afinando na direção da ponta. As flores têm cor branco-amarelada, com cerca de 0,5 cm, reunidas em uma inflorescência de, aproximadamente, 10 cm. O fruto tem de 6 a 7 cm de comprimento e 1,5 cm de largura, achatado, com uma única semente localizada na sua parte inferior (Figuras 100 a 102).

Sua madeira tem cheiro agradável, é muito resistente, dura e pesada. É usada na construção civil, na confecção de móveis, pisos, dormentes e peças torneadas que exijam resistência.

Outra espécie também conhecida como violeta é a *Dalbergia cearensis* Ducke, muito comum no Nordeste. Porém pode ser facilmente diferenciada da violeta aqui descrita pelo fruto e pela folha: o fruto é menor e tem a semente bem no centro; as folhas têm menor número de folíolos (somente seis) e menor tamanho de folíolos (5 a 6 cm de comprimento). A madeira das duas é bem semelhante.

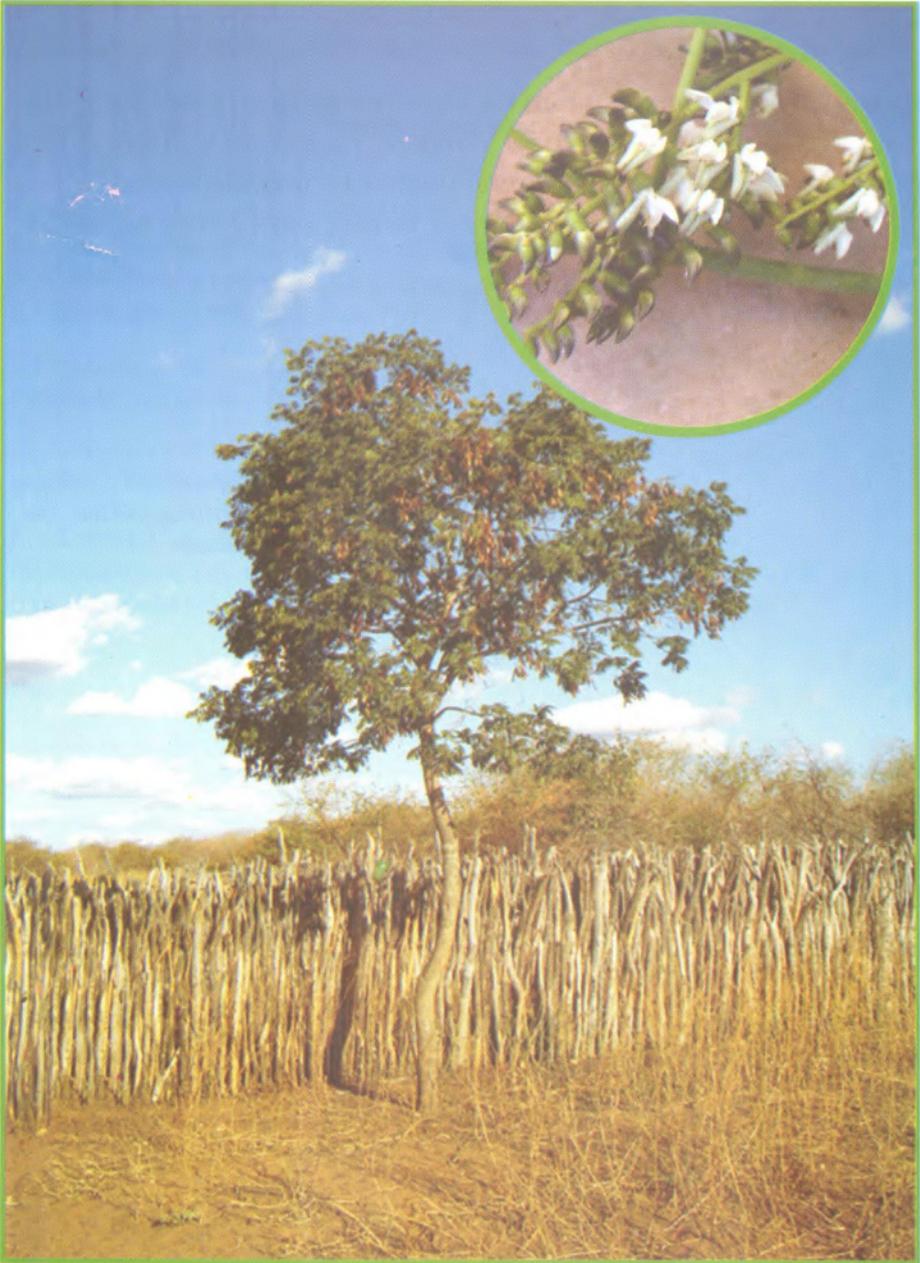


Figura 100. Planta de violeta com frutos maduros e detalhe das flores.

Usos indicados pela comunidade

Apesar de ocorrência comum na área e na sede do assentamento, essa planta não foi das mais citadas. Foram lembrados o uso forrageiro das suas folhas, principalmente quando secas, e sua utilidade para a produção de lenha, estaca para cerca e carvão.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento

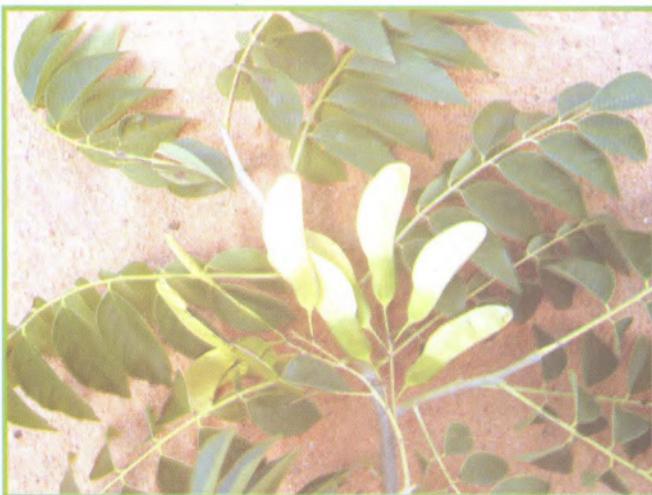


Figura 101. Folhas e frutos verdes de violeta.

Figura 102. Frutos maduros de violeta.

Foto: Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento



Referências

- ANDRADE-LIMA, D. de. **Plantas das caatingas**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1989. 243 p.
- BARBOSA, M. R. de V.; SOTHERS, C.; MAYO, S.; GAMARRA-ROJAS, C. F. L.; MESQUITA, A. C. de. (Org.). **Checklist das plantas do Nordeste brasileiro: angiospermas e gymnospermas**. Brasília, DF: Ministério de Ciência e Tecnologia, 2006. 143 p.
- BRAGA, R. de A. **Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará**. 4. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1984. 43 p.
- DUQUE, J. G. **O Nordeste e as lavouras xerófilas**. 4. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004. 330 p.
- KISSMANN, K. G.; GROTH, D. **Plantas infestantes e nocivas: plantas dicotiledoneas por ordem alfabética de famílias: Acanthaceae a Fabaceae**. São Paulo: BASF, 1992. t. 2, 798 p.
- LIMA, J. L. S. de. **Plantas forrageiras das caatingas: usos e potencialidades**. Petrolina: EMBRAPA -CPATSA: PNE: RBG-KEW, 1996. 44 p.
- LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa: Plantarum, 1992. 368 p.
- LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. 2. ed. Nova Odessa: Plantarum, 1998. v. 2, 368 p.
- LORENZI, H. **Plantas medicinais: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa: Plantarum, 1992. 368 p.
- MAIA, G. N. **Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades**. São Paulo: D&Z Computação Gráfica e Editora, 2004. 413 p.
- NASCIMENTO, M. do P. S. C. B. do; OLIVEIRA, M. E. A.; NASCIMENTO, H. T. S. do; CARVALHO, J. H. de; ALCOFORADO FILHO, F. G.; SANTANA, C. M. M. de. **FORAGEIRAS DA BACIA DO PARNAÍBA: usos e composição química**. Teresina: EMBRAPA-CPAMN; Recife: Associação Plantas do Nordeste, 1996. 86 p. (EMBRAPA-CPAMN. Documentos, 19).

PEREIRA, S. C.; GAMARRA-ROJAS, C. F. L.; GAMARRA ROJAS, G.; LIMA, M.; GALLINDO, F. A. T. **Plantas úteis do Nordeste do Brasil**. Recife: Centro Nordestino de Informações sobre Plantas - CNIP: Associação Plantas do Nordeste - APNE, 2003. 139 p.

RIZZINI, C.T. **Árvores e madeiras úteis do Brasil**: manual de dendrologia brasileira. 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 1978. 296 p.

SAMPAIO, E. V. S. B.; PAREYN, F. G. C.; FIGUEIRÔA, J. M. de; SANTOS JÚNIOR, A. G. (Ed.). **Espécies da flora nordestina de importância econômica potencial**. Recife: Associação Plantas do Nordeste, 2005. 331 p.

SILVA, D. J.; QUEIROZ, A. C. de. **Análise de alimentos**: métodos químicos e biológicos. 3. ed. Viçosa, MG: UFV, 2002. 323 p.

Glossário

Ácido cianídrico	Composto químico altamente venenoso que tem a fórmula HCN, também conhecido como ácido prússico.
Folhas alternas	Folhas que se inserem, isoladamente, em diferentes níveis do caule. Ex. folhas de velame.
Arbusto	Vegetal lenhoso, de altura variável, com caule ramificado desde a base. Algumas vezes a palavra é usada, erroneamente, com o significado de "pequena árvore".
Árvore	Vegetal lenhoso cujo tronco só se ramifica bem acima do nível do solo.
Bálsamo	Substância engrossada e perfumada que flui de algumas plantas, por corte ou espontaneamente, usada na medicina e perfumaria.
Folha bipinada	Tipo de folha composta, cujo folíolo tem divisão de ordem primária e secundária. Ex. folha de angico, de catingueira, de imburana-de-cheiro, etc.
Bráctea	Folha modificada, situada próxima às flores, às vezes envolvendo-as. Tem tamanho, formato e cor variados, dependendo da espécie de planta.
Bronquite	Inflamação nos brônquios.
Cangalha	Peça de madeira, em forma de triângulo, que se coloca no pescoço dos animais para evitar que eles passem pelas cercas. Armação que se coloca no dorso dos animais para sustentar a carga dos dois lados.

Continua...

Glossário. Continuação.

Capítulo	Tipo de inflorescência em que as flores são sésseis (sem pedúnculo), muito próximas umas das outras e inseridas em um eixo comum, alargado, ficando o conjunto com a forma arredondada.
Capoeira	Área que foi cultivada e que se encontra em fase de recuperação da vegetação, em repouso.
Cápsula	Fruto simples, seco, que se abre naturalmente quando seco, apresentando, geralmente, várias sementes.
Cipó	Planta que apresenta ramos alongados que crescem entrelaçando-se uns aos outros ou a outras plantas. Também chamadas de lianas, plantas sarmentosas ou trepadeiras.
Coriáceo	Semelhante ou que lembra couro.
Decumbente	Que começa crescendo na direção de cima e depois volta-se para baixo. Ver prostrado.
Depurativa	Que torna puro o organismo, eliminando produtos indesejáveis.
Desobstruente	Que facilita a saída das fezes.
Diurética	Que age sobre os rins, aumentando a quantidade de urina.
Drupa	Fruto carnoso que contém uma única semente protegida por um caroço duro.
Endêmica	De ocorrência restrita a uma dada região.
Enramador	Aquele que tem ramos longos, amolecidos, que se estendem e se enramam sobre outras plantas.
Espiga	Tipo de inflorescência alongada, com as flores distribuídas ao longo de um eixo, nele se inserindo diretamente.

Continua...

Glossário. Continuação.

Face dorsal	É a parte que fica mais distante do eixo. No caso de plantas, o eixo é o caule ou o ramo e, portanto, a face dorsal da folha é a que fica voltada para baixo.
Folha composta	É uma folha cujo limbo é dividido em pelo menos duas partes. Cada divisão é chamada folíolo ou pina.
Folha simples	É uma folha cujo limbo é inteiro, sem divisões. Ex. folha de velame.
Folíolo	Cada uma das divisões de uma folha composta. O mesmo que pina.
Fotossensibilização	Doença que se manifesta como sensibilização alérgica da pele à luz, em especial à luz do sol.
Herbácea	Semelhante a uma erva, ou seja, planta com caule e ramos tenros, moles, não lenhosos. Geralmente, as plantas têm pequeno porte.
Imparipinada	É a folha composta que apresenta um folíolo na extremidade, tendo, portanto, um número total de folíolos ímpar. Ex. folha de jitirana miúda e de violete.
Inflorescência	Conjunto de flores. Modo de disposição ou de agrupamento das flores na planta. Ex. cacho, capítulo e espiga.
Infusão	Extrato aquoso obtido pela conservação temporária de folhas ou de outras partes das plantas em água, para extrair substâncias. O mesmo que chá.
Lanceolada	Em forma de lança; folha que é mais longa que larga, estreitando-se na direção da parte final (extremidade).

Continua...

Glossário. Continuação.

Limbo	Parte alargada das folhas. As folhas são formadas por limbo (parte alargada, comumente de cor verde, que é popularmente considerada a folha) e por pecíolo (parte estreita ou pequeno talo que liga o limbo ao caule). O mesmo que lâmina foliar.
Linear	Folha cujo limbo tem o formato estreito, não alargado.
Néctar	Líquido produzido pelas plantas, mais comumente pelas flores e coletado pelas abelhas.
Opostas	Diz-se de duas folhas que saem de uma mesma altura do caule, porém, em direções opostas.
Paleácea	Ressecadas, parecendo palha.
Paripinada	É a folha composta que apresenta dois folíolos ou pinas na extremidade, tendo, portanto, um número par de folíolos. Ex. folha de mata-pasto.
Pina	Cada uma das divisões de uma folha composta. O mesmo que folíolo.
Pioneira	Que chega ou que se desenvolve primeiro. No caso de plantas, são aquelas que primeiro surgem e crescem em uma área perturbada.
Pólen	Espécie de pó produzido nas flores e que tem a função de fecundar os óvulos das flores.
Prostado	Aquele que se apresenta caído, junto ao solo.

Continua...

Glossário. Continuação.

Salinidade	Característica de um solo salino, isto é, com alta quantidade de sais solúveis e, portanto, interferindo no desenvolvimento das culturas.
Solos aluviais	Solos formados em planícies ou baixadas inundáveis, a partir de materiais depositados pelas águas dos rios. Suas características dependem da composição do material depositado.
Superpastejo	Condição indesejável em que o número de animais em uma pastagem supera a capacidade da área.
Urticante	Que queima ou irrita; que produz a sensação de queimadura.
Vagem	Fruto característico das leguminosas. Pode ter vários formatos, contudo, o mais característico é o alongado, com várias sementes.
Verticilada	Planta que apresenta várias folhas saindo de um mesmo local, no caule ou nos ramos.



Capítulo 3

Conhecimento Popular no Uso das Plantas

*Luiz Fernando Wolff
Maria do P. Socorro C. Bona do Nascimento
Maria Elizabete de Oliveira*

Introdução

As plantas nativas constituem importante patrimônio cultural e econômico para as populações locais. O melhor conhecimento dessas plantas, sobretudo pelos jovens, cria um elo entre as gerações, valorizando as raízes culturais e assegurando a continuidade do saber. O conhecimento sobre a flora local leva à sua apreciação e à sua valorização, decorrendo daí o seu uso racional que, por sua vez, contribui para a redução da crescente ameaça à biodiversidade.

Antes de se iniciar um trabalho regional de incentivo técnico ou de desenvolvimento de uma certa população ou assentamento, faz-se necessário um diagnóstico florístico local (SICUPIRA, 2003). A diversidade e o uso múltiplo das espécies vegetais, tanto arbóreas quanto herbáceas, têm papel importante em aumentar a estabilidade dos sistemas locais de produção (LIMA e SIDERSKY, 2002). Nesse sentido, a cobertura vegetal local, conforme destaca Lima (2003), contribui como componente da biodiversidade para a manutenção de recursos genéticos valiosos à humanidade, fornecendo produtos para a sobrevivência de milhares de famílias de agricultores e disponibilizando matérias primas para vários setores da indústria.

Nas áreas rurais do Nordeste, são comuns a extração de madeira e a derrubada das matas para pequenas lavouras ou pastagens (BATISTA FILHO, 2001). Por outro lado, as plantas nordestinas sempre tiveram uma enorme importância para a população regional, mas seu conhecimento científico é ainda muito restrito (PEREIRA et al., 2003). Apesar da crescente conscientização sobre a importância dos recursos vegetais, do solo e das águas, e da concordância sobre a urgência de conservá-los, pouco se conhece sobre a composição florística dos remanescentes na região. Há, então, um campo aberto para a pesquisa multidisciplinar, técnica e científica, e para o

desenvolvimento de um saber próprio em termos de mediação política, econômica, sociológica e antropológica, ou seja, um campo aberto para a convivência dos saberes locais com aqueles das ciências humanas e exatas, buscando-se alcançar um modelo sustentável de convivência com a semi-aridez no Nordeste.

Estudo realizado

Este estudo sobre a sabedoria popular no uso e aplicações das plantas nativas no Semi-Árido piauiense teve a participação de agricultoras e agricultores do assentamento Marrecas, no interior do município de São João do Piauí. A Embrapa Meio-Norte, contando com a parceria da Universidade Federal do Piauí, realizou o levantamento através de uma longa série de visitas de campo e da aplicação de questionários sobre o uso local das plantas.

O Estado do Piauí ocupa 15 % da extensão territorial do Nordeste, apresentando 93% de sua área dentro do chamado “polígono das secas”, sendo que 53 % da mesma apresenta-se sob clima caracterizado como Semi-Árido. O Município de São João do Piauí, localizado no sul do Piauí, apresenta clima semi-árido, do tipo Bshw, pela classificação de Köppen, e vegetação típica de caatinga (CAVALCANTI, 1982; INMET, 2007).

A precipitação pluvial média na região é de 800 milímetros por ano, mal distribuídos. Há um período seco que varia de sete a oito meses durante o ano e um período chuvoso de apenas quatro meses, geralmente com precipitações irregulares, entre novembro e fevereiro. A umidade relativa do ar média é de 50 %, a evapotranspiração é de 2000 mm; com insolação de 2800 horas ao ano (LINS, 1978; EMBRAPA, 1986). A vegetação é do tipo caatinga, com o porte predominante arbustivo e arbóreo, com poucas ervas e gramíneas

no período seco, mas presença de estratos herbáceos e subarbustivos na época chuvosa.

As informações registradas nos questionários foram complementadas com a coleta das plantas citadas, checagem dos nomes populares e identificação botânica, seguidas de arquivo dos materiais coletados em herbários específicos. Nos questionários, as citações foram espontâneas, pedindo-se apenas às pessoas entrevistadas que fossem relacionando separadamente as plantas arbóreo-arbustivas das plantas herbáceas. Foram respondidos 52 questionários, por pessoas indicadas localmente como detentoras de conhecimento sobre as plantas. Nos questionários foram citadas 144 espécies de plantas, sendo a maioria nativa (61% do total).

Para cada espécie, foram discriminados os seus diferentes usos e aplicações: forrageiro, apícola, medicinal, madeireiro, melhoria do solo, produção de carvão, lenha e vara. Outras utilidades, relacionadas em menor escala, foram o emprego em artesanato (confecção de chapéus, vassouras, cestos e esteiras), alimentação humana e produção de sombra. Ocorreram ainda indicações de plantas produtoras de veneno, algumas benéficas, usadas no controle de certas pragas agrícolas, outras tóxicas aos animais e humanos.

Dados coletados

As espécies lenhosas corresponderam a 55% do total das plantas citadas, sendo 48% nativas (Tabelas 1 e 2) e apenas 7 % espécies lenhosas cultivadas ou exóticas (Tabela 3). Esses valores expressam a importância das plantas lenhosas nativas para a população local, fato plenamente explicável diante da riqueza de árvores e arbustos na vegetação de caatinga. As espécies herbáceas constituíram 45 % das citações, sendo 24 % correspondentes a herbáceas nativas (Tabela 4) e 21 % a herbáceas exóticas (Tabela 5).

...As plantas mais citadas foram catingueira (*Caesalpinia bracteosa*), marmeleiro (*Croton sonderianus*) e angico-de-bezerro ou catanduva (*Piptadenia moniliformis*), com citações em mais de 50 % dos questionários. Essas três espécies têm larga ocorrência no assentamento. Em uma segunda categoria, entre 50 % e 20 % das citações, destacaram-se angico (*Anadenanthera colubrina*), jitirana (*Ipomoea* spp.), camaratuba (*Cratylia mollis*) e jurema-preta (*Mimosa tenuiflora*). Desta forma, as plantas mais comuns no assentamento foram as mais citadas.

Para facilitar a organização, as plantas lenhosas nativas estão apresentadas em duas tabelas (Tabelas 1 e 2), de acordo com seus usos. Nessas tabelas, observa-se que os usos forrageiro e medicinal são comuns a quase todas as plantas, apesar de a maioria delas ter também utilidade como produtora de madeira, sobretudo de estaca para cerca, e como apícola. O uso na alimentação humana, no entanto, só foi citado para um pequeno número de plantas.

Tabela 1. Plantas lenhosas nativas com usos forrageiro, apícola e madeireiro.

Nome popular	Uso
Ameixa	Apícola; madeira (estaca, vara).
Angico, angico-verdadeiro	Forragem (folhas maduras ou secas; folhas novas cortadas são muito tóxicas); apícola; madeira (estacas); carvão; lenha.
Angico-de-bezerro, rama-de-bezerro, catanduva	Forragem (folhas e vagens verdes ou secas); apícola; madeira (estacas); carvão; lenha.
Aroeira	Forragem; apícola; madeira (moirão); carvão; lenha.
Bananinha	Forragem (frutos).
Birro	Forragem (folhas verdes - amargas e pouco apreciadas; folhas secas - preferidas); apícola; madeira (caibros, estacas).
Camaratuba	Forragem.
Canafístula	Forragem (folhas verdes ou secas e vagens); madeira (cangalha, selaria); carvão; lenha.
Canela-de-velho, caneleiro	Forragem; madeira (cerca); carvão; lenha.
Cangalheiro	Forragem; madeira; carvão; lenha.
Cansansão	Forragem.
Caroba	Madeira.
Carnaúba	Forragem; madeira (construção de casas);
Catingueira, catinga-de-porco, pau-de-rato	Forragem; apícola; madeira (estaca).
Chapada	Forragem (folhas caídas no chão); apícola; madeira (estaca)

Continua...

Tabela 1. Continuação.

Nome popular	Uso
Cipó-de-tatu	Forragem.
Custaneira, pustameira, papaconha arranca-estrepo	Forragem; apícola.
Favela	Forragem; lenha.
Feijão-bravo, feijão-de-boi	Forragem.
Fígado-de- galinha	Forragem (folhas); apícola; estaca.
Imburana-de- cheiro	Forragem (semente e folha); madeira (portas).
Inharé, conduru	Forragem (folha e fruto); apícola; estacas.
Jacarandá	Forragem (fruta e folhas verdes ou secas); apícola; estacas.
Jacurutu	Forragem (folhas e vagens); apícola; carvão.
Jatobá	Madeira.
Juazeiro	Forragem (folhas e frutos); apícola; madeira (cerca); lenha
Jurema.	Forragem; apícola; madeira; carvão; lenha.
Jurema-branca	Forragem; apícola; madeira.
Jurema-chapada, calumbi	Forragem.
Jurema-lambe- beijo	Forragem.
Jurema-preta	Forragem; apícola; madeira (estacas); carvão;
Jurema-vermelha	Madeira.

Continua...

Tabela 1. Continuação.

Nome popular	Uso
Jureminha-de-vaqueiro	Forragem.
Marmeleiro	Forragem (rebrota e folhas secas no chão); apícola; madeira (cerca); carvão; lenha.
Mofumbo	Forragem (folhas e frutos - só cavalo não come); apícola; madeira (cerca), varas; lenha;
Muquém	Forragem; madeira.
Mororó	Forragem.
Pau-amarelo	Madeira.
Pau-branco	Forragem; apícola; madeira (estacas, moirões, postes); carvão; lenha.
Pau-d'arco	Forragem (folhas e flores); apícola; construção (porta, janela, caibro); estacas; móveis.
Pau-ferro	Forragem; estacas.
Pereiro	Forragem.
Quebra-facão, quebra-faca	Apícola; madeira.
Umburana, imburana-de-cheiro	Moirão; móveis.
Umburana-de-cambão	Forragem (folhas); madeira (móveis, porta)
Umbuzeiro	Forragem (folhas e frutos); apícola; madeira.
Unha-de-gato	Forragem; estacas.
Violete, violeta, coração-de-negro	Forragem (folhas); estacas; carvão; lenha

Nome popular	Uso
Alecrim	Medicinal (folhas gripe), antiinflamatório.
Ameixa	Medicinal (antiinflamatório, cicatrizante, dor de dente, adstringente em banhos prolongados nas menstruações excessias, na lavagem de feridas ou cicatrização de úlceras e feridas; purgativo); alimentação humana (frutos).
Angico, angico-verdadeiro	Medicinal (gripe, dor, tosse, bronquite, afecções do pulmão e das vias respiratórias; depurativo, antigripal, antireumático, antiinflamatório); alimentação humana (resina); veneno; inseticida (o molho da folhas pisadas); curtição de couro.
Angico-de-bezerro, catanduva	Medicinal (dor de barriga; chá da casca estômago); sombra.
Aroeira	Medicinal (casca - inflamação na garganta, gastrite, cicatrizante, regulador menstrual, doenças das vias respiratórias, do aparelho urinário, diarréias, tratamento de úlceras e feridas, inflamação do útero, gripe, tosse, dor de dente, corrimento, flores brancas, dor na coluna; a casca é usada sob diferentes formas: fervida, de molho, em pó e extrato alcoólico); confecção de pilão e mão-de-pilão; sombra.
Barriguda	Medicinal (in flamação, próstata, estôma go); utensílios (gamelas).
Bananinha	Medicinal (pressão alta); alimentação humana (frutos).

Continua...

Nome popular	Usos
Birro	Sabão (frutos).
Canafístula	Medicinal (chá da casca - antiinflamatório; suco da folha pisada - antiinflamatório; queimaduras, laxativo e purgativo).
Cangalheiro	Medicinal (digestivo).
Carnaúba	Medicinal (raiz inflamação); alimentação humana (frutos).
Catingueira, catinga-de-porco, pau-de-rato	Medicinal (chá da casca - inflamação intestino, digestivo, abre apetite, estomago).
Chapada	Medicinal (digestivo).
Conduru	Abortivo (animais).
Custaneira, pustameira, papaconha arranca-estrepe	Medicinal (dor, câncer , garganta, gripe, dor de barriga, infecção).
Favela	Medicinal (casca).
Feijão-bravo, feijão-de-boi	Medicinal.
Giriquizeiro	Medicinal (gastrite, coração, menopausa, dor na coluna).
Guabiraba	Alimentação humana (frutos).
Imburaçu	Medicinal (dor na coluna).
Imburana-de-cheiro	Medicinal (semente - gripe; casca - sinusite; chá - mordida de cobra)
Ingazeiro	Alimentação humana (frutos)

Continua...

Nome popular	Uso
Inharé	Medicinal (antiinflamatório, gripe, reumatismo, pano-branco, espinhas, dor na coluna, faz descer menstruação, calor da menopausa).
Jacarandá	Medicinal (gripe, cicatrizante, inflamação).
Jacurutu	Medicinal (próstata, gastrite; antiinflamatório da gengiva - bochecho da casca de molho).
Jatobá	Medicinal (casca em infusão inflamação, gripe, funcionamento das vias sangüíneas, lambedor para anemia, regulador do sangue, anemia, gastrite, febre, úlcera, coluna, coração); alimentação humana (frutos)
Juazeiro, joazeiro	Medicinal (gripe, estomacal, expectorante e antitérmico; alívio de asma e tratamento de doenças de pele, do sangue, do estômago e do fígado); pasta de dente; alimentação humana (frutos); sombra.
Jurema	Medicinal.
Jurema-branca	Medicinal.
Jurema-preta	Medicinal (inflamação, remédio para o sangue; queimaduras, defeitos da pele e esfoladelas, antimicrobiano, analgésico, febre).
Marmeleiro	Medicinal (dor de barriga, impolação, diarréia; casca de molho n'água-desintéria; sedimento da raspa fina da casca, que fica na água após molho, tomar com água e açúcar ameba); adubo (folhas).

Continua...

Nome popular	Uso
Mofumbo	Medicinal (cicatrizante, estanca sangue, diabetes, calmante, tosse, coqueluches, hemorragia, problemas de placenta retida, gripe, inflamação).
Mulungu	Medicinal (casca - dor coluna).
Muquém	Medicinal (banhos adstringentes); sistema agroflorestais, restauração florestal.
Mororó	Medicinal (rins, diarreia).
Mulatinha canelinha, canelinha-da- serra	Medicinal (calmante, abrir apetite, problemas intestinais).
Pajeú	Medicinal (raspa da casca - desintéria).
Pau-branco	Medicinal (anemia, antiinflamatório; banhos de feridas e talhos, úlcera e queimaduras); veterinária popular, ornamental.
Pau-chapada	Medicinal (digestivo).
Pau-d'arco	Medicinal (antiinflamatório, rins, ferimentos, lambedor para gripe e pneumonia; sarna, úlceras sifilíticas, anticancerígeno, hipertensor, antiblenorrágicas, inflamações da pele, do ouvido e das mucosas\gengivas, garganta, vagina, colo do útero e ânus; antimicrobiano, antialérgico, tumoral, pressão alta).
Pau-d'óleo	Medicinal (antiinflamatório, dor de barriga).
Pau-ferro	Medicinal (lambedor da vagem-gripe; anemia, nervos, estimulante do apetite, cicatrizante; casca -dor, febre).

Continua...

Tabela 2. Continuação.

Nome popular	Uso
Pereiro	Medicinal (febre, garganta); veterinária (gado - broca-dos-chifres).
Quebra-facão, quebra-faca	Medicinal (digestivo, gripe).
Quina-quina	Medicinal (febre, sangue).
Umburana, imburana-de-cheiro	Medicinal (sinusite); instrumentos de trabalho (cabos de enxada e martelo).
Umburana-de-cambão	Medicinal (gripe - lavar a cabeça com a água do molho da casca; inflamação, controle do sangue).
Umbuzeiro	Medicinal (inflamação, cicatrizante, diarréias, verminoses e escorbuto, anti-hemorrágico, prevenção de aborto, calmante; raspa - feridas e coagulação\cortar o sangue, disenteria); alimentação humana (suco dos frutos)
Unha-de-gato	Medicinal
Violete, violeta	Medicinal (gripe)
Coração-de-negro	

Na relação de lenhosas exóticas ou cultivadas (Tabela 3), destacam-se as espécies frutíferas (para consumo humano) e as medicinais para uso na alimentação humana ficou fortemente caracterizada, ou seja, seis das dez espécies citadas têm esse uso. Outro aspecto interessante foi a alta citação de "sombra" entre os usos das lenhosas cultivadas, uso que foi só fracamente lembrado nas lenhosas nativas. Como as lenhosas cultivadas estão geralmente nos quintais, o benefício da sombra é mais fortemente sentido e lembrado que o das lenhosas nativas.

Uma alta porcentagem das lenhosas cultivadas teve o uso medicinal reconhecido, o que indica familiaridade dos costumes locais com essas plantas. De fato, todas elas são espécies de uso comum e antigo entre as populações rurais da região Nordeste. Nessa categoria de plantas sobressaiu-se, em número de citações, a algaroba, planta que apesar de não ser nativa, tem crescimento espontâneo no Semi-Árido e no município, sobretudo nos vales férteis, tendo elevado valor de uso para a população local.

Entre as plantas herbáceas nativas (tabela 4), jitirana (três espécies), bamburral (*Hyptis suaveolens*), cabeça-branca (*Althernanthera brasiliiana*), malva (*Sida cordifolia*) e mata-pasto (*Senna obtusifolia*) foram as mais citadas. Merecem destaque os usos forrageiro e medicinal, principalmente o primeiro. No Semi-Árido a dieta dos animais é muito diversificada, procurando eles satisfazer suas necessidades de alimento através do consumo de plantas variadas.

Das herbáceas exóticas (Tabela 5), destacam-se os capins plantados para fornecimento de alimento aos animais e, principalmente, as plantas cultivadas para fins medicinais. O assentamento tem forte tradição no cultivo de plantas medicinais, portanto, não é surpresa a citação de um número elevado dessas plantas.

Tabela 3. Plantas lenhosas espontâneas ou cultivadas e seus usos.

Nome popular	Uso
Algaroba	Forragem, apícola, lenha, carvão, estaca e moirões; sombra.
Cajueiro	Medicinal (casca - provoca vômito; anti-infecciosa, disenteria, diarréia, cicatrizante; folha - dor barriga, diabetes); alimentação humana (suco e castanha); sombra.
Castanhola	Alimentação humana; sombra.
Chila	Medicinal (derrame).
Figueira	Sombra.
Goiaba	Medicinal (disenteria); alimentação humana.
Leucena	Forragem.
Manga	Alimentação humana; sombra.
Romã	Medicinal (garganta, anti-inflamatória).
Seriguela	Medicinal (casca - dor barriga); alimentação humana.
Tamarindo	Forragem; alimentação humana.

Tabela 4. Plantas herbáceas nativas ou naturalizadas e seus usos.

Nome popular	Usos
Alpiste	Forragem; alimentação de pássaros.
Amor-de-velho	Forragem.
Bamburral	Forragem; apícola; medicinal (lambedor da folha - pneumonia; chá da folha - dor de barriga).
Barba-de-bode	Forragem.
Cabeça-branca	Forragem; apícola.
Capim-de-burro	Forragem; medicinal (febre amarela-dos-olhos-verdes).
Capim-mimoso	Forragem.
Capim-pendão-roxo	Forragem.
Carrapicho	Forragem.
Crista-de-galo	Medicinal (chá - inflamação, infecção urinária).
Ervanço	Forragem (boa para a produção de leite).
Fedegoso	Forragem; apícola; medicinal (gripe).
Grão-de-galo	Medicinal.
Jitirana	Forragem.
Malícia	Forragem.
Macambira	Forragem; alimentação humana.
Malva, malva-cara-de-vaca, espinho-cara-de-vaca	Forragem, ração; apícola; medicinal.
Malva rasteira	Forragem.

Continua...

Tabela 4. Continuação.

Nome popular	Uso
Malva-babenta	Ferragem.
Mandacaru	Ferragem; medicinal (coração, menopausa, purifica o sangue, inflamação de útero; raízes varizes, gripe, pneumonia; dor de cabeça).
Mata-pasto	Ferragem, feno (seco e moído); apícola; medicinal (cicatrizante, anti-infeccioso, gripe).
Melão-de-são-caetano	Medicinal (antibiótico, anti-diabético, laxativo, vermífugo).
Milhã	Ferragem.
Salsa	Apícola; tóxica aos animais.
Tiririca	Ferragem.
Orelha-de-onça	Ferragem.
Pega-pinto	Ferragem; medicinal (inflamação de mulher).
Quebra-pedra	Medicinal (rins, estômago, gripe, anti-inflamatório).
Quebra-tigela, quebra-panela	Ferragem; apícola; medicinal.
Tipi	Ferragem (dá mau gosto no leite); medicinal (coluna, reumatismo - machuca raiz e deixa de molho n'água).
Velame	Medicinal (gripe).

Tabela 5. Plantas herbáceas cultivadas e seus usos.

Nome popular	Uso
AAS	Medicinal (febre, dor de cabeça).
Abacaxi	Medicinal (gripe); alimentação humana.
Agrião	Medicinal (chá para garganta, gripe).
Alho-do-mato ou alho roxo	Medicinal (gripe, garganta).
Anador	Medicinal (febre, dor de cabeça).
Artemísia, doril	Medicinal (cólicas, dor cabeça, cólicas menstruais, calmante).
Babosa	Medicinal (inflamação, gastrite); veterinária (gado - broca-dos-chifres), Cosmético.
Boa-noite	Ornamental.
Boldo	Medicinal (digestivo).
Bom-dia	Ornamental.
Bredo	Multimistura.
Capim- andropogom	FORAGEM
Capim-bufel	FORAGEM.
Capim-elefante	FORAGEM.
Capim-rio-de- janeiro, capim- de-corte	FORAGEM.
Capim-santo	Medicinal (pressão alta, calmante, insônia).
Capim-sempre- verde	FORAGEM.
Capim-tanzania	FORAGEM.

Continua...

Tabela 5. Continuação.

Nome popular	Uso
Cidreira	Medicinal (apetite, calmante).
Erva-cidreira	Medicinal (garganta, apetite, dor de cabeça, nervos, calmante, gripe).
Girassol	Medicinal (pressão alta).
Gramma	Enfeita o solo.
Hortelã	Medicinal (garganta, lambedor para gripe, sinusite, dor de ouvido).
Malva-dô-reino, Malva-grossa, malva- milagrosa, malva-santa	Medicinal (antiinflamatório, antitérmico, gripe, lambedor para gripe e garganta)
Maracujá	Medicinal (calmante)
Mastruz	Medicinal (cicatrizante).

Comentários finais

As plantas da caatinga oferecem à população local produtos com diferentes utilidades, que contribuem para a manutenção das condições de produção das propriedades familiares da região. As plantas herbáceas são fortemente influenciadas pelas variações no regime de chuvas, conforme sua frequência, duração e intensidade a cada ano. Já as plantas arbustivas e arbóreas apenas encurtam ou estendem seus períodos vegetativos, em função das diferenças anuais da estação chuvosa.

Observou-se que os fatores mais importantes para a citação de cada espécie de planta foram a sua abundância na área e a sua utilidade. Assim, verificou-se que a catingueira, apesar de não se destacar nas citações de uso, tendo porém ocorrência comum no assentamento, foi a mais citada. O angico-de-bezerro, de menor ocorrência, porém com vários usos, foi a terceira mais citada. O marmeleiro, de elevado uso e alta ocorrência, ficou em segundo lugar.

A algaroba (*Prosopis juliflora*), que é naturalizada na região, e o juazeiro (*Ziziphus cotinifolia*), apesar de não terem ocorrência comum no assentamento, foram citados por aproximadamente 20 % dos entrevistados, o que indica sua importância para a comunidade.

...As plantas mais citadas como forrageiras, em ordem decrescente, foram angico-de-bezerro, catingueira, marmeleiro, jitirana e camaratuba. Como apícolas, destacaram-se bamburral, marmeleiro, angico-de-bezerro, mofumbo e camaratuba. A catingueira e o marmeleiro sobressaíram-se também como medicinais, seguidas pelo angico-de-bezerro e o mofumbo. O angico-de-bezerro foi também a espécie mais citada como fonte de madeira, seguida de angico e marmeleiro.

Ficou evidenciada, portanto, a múltipla utilidade das plantas locais para a população, o que indica a importância da divulgação do seu valor e de medidas que assegurem sua proteção contra as diversas pressões de uso, que podem levar ao desaparecimento das espécies mais exploradas. Esse prejuízo diz respeito não somente às populações locais, mas também à sociedade de forma mais ampla, pelo potencial de uso dessas plantas e de seus produtos, mesmo em regiões onde não ocorrem naturalmente.

Referências

- BATISTA FILHO, M. (Org.). **Viabilização do semi-árido nordestino**. Recife: IMIP, 2001. 116 p. (Publicações Científicas do IMIP, 6).
- CAVALCANTI, A.C. **Relatório sobre avaliação de terras para aquisição pela Embrapa, no município de São João do Piauí, para implantação do projeto Gado Curraleiro**. Rio de Janeiro, RJ: EMBRAPA-SNLCS, 1982. 4 p.
- EMBRAPA. Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos. **Levantamento exploratório-reconhecimento de solos do Estado do Piauí**. Rio de Janeiro, RJ: SUDENE-DRN, 1986. v. 1, 398 p. (EMBRAPA-SNLCS. Boletim de Pesquisa, 36; SUDENE-DRN. Série Recursos de Solos, 18).
- INMET. **Informações agrometeorológicas**. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/html/agro.html>. Acesso em: 14 set. 2007.
- LIMA, M. **Flora apícola tem, e muita! um estudo sobre as plantas apícolas de Ouricuri**. Ouricuri: Caatinga, 2003. 64 p.
- LIMA, M.; SIDERSKY, P. Plantas nativas na agricultura familiar do agreste da Paraíba. In: SILVEIRA, L.; PETERSEN, P.; SABOURIN, E. (Org.). **Agricultura familiar e agroecologia no Semi-Árido: avanços a partir do Agreste da Paraíba**. Rio de Janeiro, RJ: AS-PTA, 2002. p. 201-218.
- LINS, R. C. **Bacia do Parnaíba: aspectos fisiográficos; estudo do quadro natural**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978. 173 p. (IJNPS. Estudos e Pesquisas, 9).
- PEREIRA, S. C.; GAMARRA-ROJAS, C. F. L.; GAMARRA-ROJAS, G.; LIMA, M.; GALLINDO, F. A. T. **Plantas úteis do Nordeste do Brasil**. Recife: Centro Nordestino de Informações sobre Plantas: Associação Plantas do Nordeste, 2003. 139 p.
- SICUPIRA, P. Flora apícola da região Litoral Sul da Bahia. In: ENCONTRO ESTADUAL DE APICULTURA, 8., 2003, Cruz das Almas. **25 anos de apicultura na Bahia: diagnóstico e perspectivas: anais**. Cruz das Almas: Escola de Agronomia, Universidade Federal da Bahia, 2003. p. 80-81.

O livro é dividido em três capítulos. No capítulo 1 são apresentados os aspectos socioeconômicos do assentamento, contemplando um pouco de sua história, organização social e cultural e os produtivos. No capítulo 2, as 33 plantas locais consideradas mais importantes pela comunidade são descritas e apresentadas em fotos, de modo a documentar a riqueza do local e facilitar o reconhecimento das plantas a campo. A partir de informações fornecidas pelos assentados e assentadas, foi formatado o capítulo 3, que contém cinco tabelas com os vários usos reconhecidos de 144 plantas, incluindo-se algumas não-nativas, porém de uso comum nas hortas de plantas medicinais.

